

**EUGENIO ROBERTO LINK**

**ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS EM POSIÇÃO  
FINAL ABSOLUTA EM ESQUINA BARRA FUNDA – NOVO  
MACHADO - RS**

**PORTO ALEGRE  
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA  
LINHA DE PESQUISA: FONOLOGIA E MORFOLOGIA**

**ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS ÁTONAS EM POSIÇÃO  
FINAL ABSOLUTA EM ESQUINA BARRA FUNDA – NOVO  
MACHADO - RS**

**EUGENIO ROBERTO LINK**

**ORIENTADORA PROFA. DRA. ELISA BATTISTI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

**PORTO ALEGRE  
2015**

### CIP - Catalogação na Publicação

Link, Eugenio Roberto

Elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta em Esquina Barra Funda - Novo Machado - RS / Eugenio Roberto Link. -- 2015.  
105 f.

Orientadora: Elisa Battisti.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Teoria da Variação. 2. Elevação vocálica. 3. Regra variável. I. Battisti, Elisa, orient. II. Título.

Para os moradores de Esquina Barra Funda por terem me ajudado a ressignificar minha comunidade e minha própria história.

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Elisa Battisti, pelo exemplo profissional, orientação atenciosa, ensinamentos, incentivo e confiança.

Aos professores que se fizeram presentes nesta caminhada, por compartilharem seus conhecimentos e inspirações.

À Juliana, pela constante presença, apoio incondicional, carinho e pelas longas horas me ouvindo.

À minha família, pelo apoio, amor e compreensão.

Aos meus informantes, pela receptividade calorosa, disponibilidade e contribuição ao meu trabalho.

Aos meus amigos, por entenderem meus afastamentos e sempre estarem dispostos aos reencontros.

Aos meus colegas de mestrado e, acima de tudo, amigos, pelos longos debates, discussões e contribuições.

À Renata Ribas, que me ajudou a ver o que eu escondia em mim mesmo.

À CAPES, pela bolsa concedida.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral descrever o comportamento das vogais médias /e/ e /o/, em posição átona final absoluta, no português falado no sul do Brasil, mais especificamente a aplicação da regra de elevação (/bolo/ - /bolu/, /time/ - /timi/) destas vogais. Objetivamos entender quais fatores exercem influência na elevação das vogais médias em Esquina Barra Funda, comunidade localizada na área rural de Novo Machado/RS, município situado no noroeste do estado, na fronteira com a Argentina. Através desta pesquisa, tentamos responder às seguintes questões: a) Ocorre, no português falado em Esquina Barra Funda, a elevação das vogais médias /e/, /o/ em posição átona final absoluta? Em que proporção? b) Quais são os fatores linguísticos condicionantes da elevação dessas vogais? c) Quais são os fatores sociais condicionantes da elevação dessas vogais?

O trabalho fundamenta-se na Teoria da Variação (LABOV, 1972). A amostra usada na pesquisa foi constituída de dados de fala de dezoito informantes, consideradas as variáveis sociais: Gênero (dois fatores: masculino e feminino), escolaridade (três fatores: 0 - 4 anos, 5 - 8 anos e 9 anos ou mais) e faixa etária (três fatores: 15 - 35 anos, 36 - 57 anos e mais de 58 anos). Os dados foram obtidos através de entrevistas de experiência pessoal. Com as entrevistas já realizadas e os dados, levantados e codificados, utilizamos os programas GoldVarb e Rbrul para proceder às rodadas de análise estatística.

O resultado da análise estatística revelou que o índice de elevação das vogais médias em posição átona final absoluta é baixo em Esquina Barra Funda, de apenas 9%, sendo a elevação de /o/ mais frequente. Também apontou que a presença de uma vogal alta na sílaba tônica favorece a elevação tanto de /e/ quanto de /o/. Para /e/, as variáveis selecionadas como relevantes foram contexto precedente, contexto seguinte e vogal alta na sílaba tônica. Para /o/, as variáveis selecionadas pelos programas foram contexto precedente, contexto seguinte, vogal alta na sílaba tônica, idade, escolaridade.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como principal objetivo la contribución a la descripción del comportamiento de las vocales medianas / e / y / o / en posición átona final absoluta, en el portugués que se habla en el sur de Brasil, en particular la aplicación de la regla de elevación (/ bolo / - / bolu /, / time / - / timi /) de estas vocales. Nuestro objetivo es entender qué factores influyen en la elevación de las vocales medianas en Esquina Barra Funda, comunidad ubicada en la zona rural de Novo Machado / RS, un municipio situado en el noroeste del estado, en la frontera con Argentina. A través de esta investigación, tratamos de responder: a) se produce en el portugués hablado en Esquina Barra Funda, la elevación de las vocales medianas / e /, / o / en posición átona final absoluta? ¿En qué proporción? b) ¿Cuáles son los factores lingüísticos que determinan la elevación de estas vocales? c) ¿Cuáles son los factores sociales que determinan la elevación de estas vocales?

El trabajo está basado en la Teoría de la Variación (LABOV, 1972). La muestra de la investigación consistió de datos de habla de dieciocho informantes y consideró las variables sociales: género (dos factores: masculino y femenino), escolaridad (tres factores: 0-4 años 5-8 años y nueve años o más) y edad (tres factores: 15-35 años, 36-57 años y mayores de 58 años). Los datos fueron obtenidos a través de entrevistas personales. Con la colección ya realizada y los datos codificados, utilizamos los programas GoldVarb y Rbrul para realizar las rondas de análisis estadística.

El resultado del análisis estadístico reveló que la tasa de elevación de las vocales medianas en posición átona final absoluta es baja, en Esquina Barra Funda, de apenas 9%, siendo la elevación de /o/ más frecuente. También apuntó que la presencia de una vocal alta en la sílaba acentuada favorece tanto la elevación de /e/ como de /o/. Para /e/ las variables seleccionadas como pertinentes fueron contexto anterior, contexto siguiente y vocal alta en la

sílaba acentuada. Para /o/ las variables seleccionadas por los programas fueron contexto anterior, contexto siguiente, vocal alta en la sílaba acentuada, edad, y escolaridad.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Vogais em posição tônica .....	18
Figura 02 – Vogais tônicas diante de consoante nasal na sílaba seguinte .....	18
Figura 03 – Vogais na posição pretônica .....	18
Figura 04 – Vogais postônicas não finais .....	19
Figura 05 – Vogais em posição postônica final.....	19
Figura 06 – Sistema vocálico do português brasileiro.....	20
Figura 07 - Sistema vocálico do português brasileiro em posição pretônica .....	21
Figura 08 - Sistema vocálico do português brasileiro em posição postônica não final.....	22
Figura 09 - Sistema vocálico do português brasileiro em posição postônica final.....	22
Figura 10 – Noroeste do Rio Grande do Sul .....	45
Figura 11 - Localização da Região Noroeste no Rio Grande do Sul.....	45
Figura 12 – Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade Novo Machado - RS .....	46

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Taxa de elevação total das vogais médias átonas em posição final .....	62
Tabela 02 - Elevação vogais médias átonas em posição final absoluta: contexto precedente ...	63
Tabela 03 - Elevação vogais médias átonas em posição final absoluta: contexto seguinte .....	64
Tabela 04 - Elevação vogais médias átonas em posição final absoluta: presença de vogal alta na sílaba tônica .....	65
Tabela 05 - Elevação vogais médias átonas em posição final absoluta: idade.....	66
Tabela 06 - Elevação vogais médias átonas em posição final absoluta: escolaridade .....	67
Tabela 07 - Elevação da vogal /o/ em posição átona final absoluta: contexto precedente.....	68
Tabela 08 - Elevação da vogal /o/ em posição átona final absoluta: contexto seguinte.....	69
Tabela 09 - Elevação da vogal /o/ em posição átona final absoluta: presença de vogal alta na sílaba tônica .....	69
Tabela 10 - Elevação da vogal /o/ em posição átona final absoluta: idade .....	70
Tabela 11 - Elevação da vogal /o/ em posição átona final absoluta: escolaridade.....	70
Tabela 12 - Elevação da vogal /e/ em posição átona final absoluta: contexto precedente .....	72
Tabela 13 - Elevação da vogal /e/ em posição átona final absoluta: contexto seguinte .....	73
Tabela 14 - Elevação da vogal /e/ em posição átona final absoluta: presença de vogal alta na sílaba tônica .....	74
Tabela 15 - Cruzamento entre idade e escolaridade para /e/ e /o/ .....	74
Tabela 16 - Cruzamento entre idade e escolaridade para /e/ .....	75
Tabela 17 - Cruzamento entre idade e escolaridade para /o/ .....	76

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Quadro de células preenchidas com entrevistas .....	50
Quadro 02 – Variáveis independentes linguísticas.....	54
Quadro 03 – Variáveis independentes sociais.....	56
Quadro 04 – Exemplo de codificação de dados.....	58

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	17
2.1 O sistema vocálico na visão estruturalista de Câmara Jr.....	17
2.2 Perspectiva gerativista de Lopez.....	20
2.3 Mudança linguística e modelos teóricos.....	22
2.4 Teoria da Variação .....	24
<b>3. REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	28
3.1 Bisol (1981) .....	28
3.2 Schmitt (1987) .....	29
3.3 Battisti (1993) .....	30
3.4 Vieira (1994) .....	30
3.5 Roveda (1998) .....	31
3.6 Carniato (2000) .....	32
3.7 Mallmann (2001) .....	32
3.8 Vieira (2002) .....	33
3.9 Silva (2009) e Mileski (2013) .....	34
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	36
4.1 Comunidade de fala .....	36
4.1.1 Esquina Barra Funda .....	37
4.1.1.1 A comunidade de Esquina Barra Funda na visão do habitante e do pesquisador .....	38
4.1.1.1.2 A comunidade de Esquina Barra Funda conforme dados oficiais .....	44
4.2 Coleta de dados....	47
4.2.1 Observação da comunidade .....	47
4.2.2 Seleção dos informantes .....	48
4.2.3 Constituição da amostra .....	48
4.2.4 Entrevistas .....	50
4.2.5 Variáveis .....	52
4.2.5.1 Variável dependente .....	53
4.2.5.2 Variáveis independentes linguísticas .....	53
4.2.5.2.1 Contexto precedente .....	55
4.2.5.2.2 Contexto seguinte .....	55
4.2.5.2.3 Contexto vocálico da sílaba tônica .....	55

4.2.5.2.4 Posição do acento .....	56
4.2.5.3 Variáveis independentes sociais .....	56
4.2.5.3.1 Sexo .....	56
4.2.5.3.2 Escolaridade .....	56
4.2.5.3.3 Idade .....	57
4.2.5.4 Codificação dos dados .....	57
4.2.5.5 Instrumentos estatísticos .....	58
<b>5. RESULTADOS.....</b>	<b>61</b>
5.1 Análise geral de elevação de /e/ e /o/ .....	61
5.2 Variáveis selecionadas para /e/ e /o/ .....	62
5.2.1 Qualidade da vogal-alvo.....	62
5.2.2 Contexto precedente .....	63
5.2.3 Contexto seguinte.....	64
5.2.4 Vogal alta na sílaba tônica .....	65
5.2.5 Idade .....	66
5.2.6 Escolaridade .....	67
5.3 Análise de /o/ .....	68
5.3.1 Contexto precedente .....	68
5.3.2 Contexto seguinte .....	69
5.3.3 Vogal alta na sílaba tônica .....	69
5.3.4 Idade .....	70
5.3.5 Escolaridade .....	70
5.4 Análise de /e/.....	71
5.4.1 Contexto precedente .....	72
5.4.2 Contexto seguinte .....	73
5.4.3 Vogal alta na sílaba tônica .....	74
5.5 Cruzamentos entre idade e escolaridade .....	74
5.5.1 Cruzamento entre idade e escolaridade para /e/ e /o/ .....	74
5.5.2 Cruzamento entre idade e escolaridade para /e/ .....	75
5.5.3 Cruzamento entre idade e escolaridade para /o/ .....	76
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>78</b>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	81
ANEXOS .....	85
ANEXO A – Ficha social.....	85

ANEXO B – Roteiro para pesquisa de campo.....	86
ANEXO C – Codificação das variáveis .....	87
ANEXO D – Análise GoldVarb .....	90
ANEXO E – Análise de um nível Rbrul .....	95
ANEXO F – Fotos de Novo Machado, Esquina Barra Funda e Colônia Aurora (Argentina) ....	97

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surge de uma inquietação particular: o estranhamento de um gaúcho do interior recém chegado a Porto Alegre e questionado se estaria vindo da fronteira, pois fala diferent[e], mesm[u] que essa diferença não seja total. A partir desse questionamento, cresceu a percepção sobre a importância do “jeito de falar” quando o sujeito está fora do ambiente onde aquele mesmo jeito é considerado “normal”, ou melhor dizendo, esta forma de falar não é nem questionada.

Conversas aqui, conversas ali e encontros com sujeitos com a mesma inquietação conduziram ao Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS – (2011), especialmente as páginas 141, 195 e 197, em que, respectivamente, encontramos as cartas fonéticas da realização de /e/ em (SET)E, de /te/ em (SE)TE e de /te/ em (DEZESSE)TE. Um olhar atento para estas páginas sugeriu procurar o que unia e distanciava cada jeito de falar em relação aos pontos marcados no mapa.

Dali se seguiram leituras de obras que se ocuparam em falar sobre a realização variável de vogais médias em sílaba átona no português. A cada leitura chegam à memória as lembranças de diálogos, e quando se começa a compreender as vogais médias átonas e sua possibilidade de elevação, se percebe que em Esquina Barra Funda, comunidade de onde venho, a ser abrangida no presente estudo, as pessoas ainda realizam os fonemas /e/ e /o/ como [e] e [o] em sílaba átona final, destoando da proposta de Câmara Jr. (2007 [1970]), que trata a elevação para [i] e [u] como categórica nessa posição.

Porém, quando lemos as pesquisas de Schmitt (1987) e Vieira (1994, 2002), percebemos que no Rio Grande do Sul a realização da elevação é variável e que existe uma tendência à conservação das vogais médias nas regiões de contato entre línguas (polonês, italiano, alemão, espanhol). Começam então, à luz da Teoria da Variação (Labov, 1972), nossas idas e vindas em busca de tentar registrar e entender melhor as diferenças nos falares.

Levando em consideração os trabalhos já citados, além dos estudos de Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001), Silva (2009), Mileski (2013) e outros, toma-se como campo de pesquisa a comunidade de Esquina Barra Funda, pertencente ao município de Novo Machado, RS, município que faz fronteira e mantém estreitas relações comerciais

com a Argentina. Essa comunidade cultiva as tradições e as línguas trazidas pelos colonizadores (alemães e italianos), apresentando um constante contato entre o português, o espanhol e, principalmente, o alemão. Buscaremos conduzir a investigação a partir dos seguintes questionamentos:

1. Ocorre, no português falado em Esquina Barra Funda, a elevação das vogais médias /e/, /o/ em posição átona final absoluta? Em que proporção?
2. Quais são os fatores linguísticos condicionantes da elevação dessas vogais?
3. Quais são os fatores sociais condicionantes da elevação dessas vogais?

Com base principalmente em Vieira (1994, 2002) e levando em consideração que (a) a cidade de Novo Machado faz fronteira com a Argentina; (b) em sua composição étnica, estão descendentes de imigrantes alemães e italianos cuja fala em língua portuguesa está em contato com a língua espanhola, podemos formular algumas hipóteses para nossos questionamentos.

A primeira hipótese que podemos aventar, de acordo com Silva (2009), é que a elevação das vogais médias átonas não seja categórica e sim variável na comunidade, que provavelmente apresentará baixo índice de elevação.

Nossa segunda hipótese é a de que existem comportamentos diferentes na realização de /e/ e /o/ em posição final. Possivelmente seja mais frequente a elevação de /o/ do que a elevação de /e/, indicando “que a vogal média /o/ encontra-se na referida comunidade em um estágio mais avançado da regra de elevação em relação à vogal média /e/.” (SILVA 2009, p.14)

Como condicionadores sociais, esperamos que o grau de escolaridade, o distanciamento de cidades maiores e a proximidade com a fronteira exerçam influência no comportamento das vogais. Linguisticamente, Silva (2009) e Vieira (1994, 2002) nos indicam que fatores como vogal alta na tônica e o contexto precedente tenham papel importante na forma como se apresentarão as vogais médias.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo geral a contribuição para a descrição do comportamento das vogais átonas finais do português falado no sul do Brasil. Ele está organizado da seguinte forma: no capítulo que segue, abordam-se os fundamentos teóricos da investigação. O capítulo 3 traz a revisão da literatura, um apanhado de trabalhos já

produzidos sobre o tema. O capítulo 4 versa sobre a metodologia empregada, com informações sobre a comunidade, coleta de dados, observação da comunidade e seleção dos informantes, constituição da amostra, entrevista, variáveis controladas, codificação dos dados e instrumentos de análise empregados. O capítulo 5 apresenta os resultados das análises realizadas para /e/ e /o/, além dos cruzamentos entre idade e escolaridade. Por fim, a última seção traz as conclusões deste estudo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta primeira parte do trabalho, recuperaremos características do sistema vocálico do português brasileiro a partir das perspectivas estruturalista de Câmara Jr. – primeiro linguista brasileiro a representar o sistema vocálico do português e de cuja proposta vem resultando análises sobre processos fonológicos variáveis - (2007 [1970]) e gerativista de Lopez (1979)<sup>1</sup> – pesquisadora pioneira sobre as vogais do português brasileiro nessa perspectiva -. Além disso, trataremos sobre mudança linguística e sobre a Teoria da Variação (LABOV, 1972).

### 2.1. O sistema vocálico na visão estruturalista de Câmara Jr.

Numa perspectiva estruturalista, Câmara Jr. (2007 [1970]) propõe o sistema vocálico do português brasileiro, como triangular, classificando as vogais de acordo com seu movimento articulatorio vertical (altura) e horizontal (anterior/central/posterior).

Existem, segundo o autor, vogais tônicas, vogais pretônicas, postônicas não-finais e postônicas finais e é a partir da posição tônica que a descrição do sistema vocálico precisa ser feita, pois é nesta posição que se distinguem todas as vogais do sistema.

Na posição tônica, portanto, contrastariam /a e ε i ɔ o u/. Descrevendo estas vogais em relação a sua altura, teremos: a vogal baixa /a/, as vogais médias de primeiro grau /ε/ e /ɔ/, as vogais médias de segundo grau /e/ e /o/ e as vogais altas /i/ e /u/. Nesta posição, as vogais produziram distinções de significado, como em s[a]co, s[e]co (adjetivo), s[ε]co (1ª p.s. do verbo *secar*), s[o]co (substantivo), s[ɔ]co (1ª p.s. do verbo *socar*), s[i]co e s[u]co. Abaixo, na Figura 1, vemos essa posição no sistema triangular.

---

<sup>1</sup> Citamos aqui o *Manual de linguística: fonologia, morfologia e sintaxe* (SCHWINDT, 2014) para uma breve descrição de estruturalismo e gerativismo: abordagens teóricas formais nas quais se estabelece uma clara oposição entre um nível abstrato e homogêneo da linguagem, de um lado, e um nível concreto e heterogêneo, sujeito a fatores extralinguísticos, de outro. Nestas duas concepções, o objeto estrito é o abstrato, de poder distintivo e capaz de dizer sobre o que é comum entre os usuários de uma língua e que assegura sua comunicação de forma geral. (SCHWINDT, 2014, p.24)

Figura 01 – Vogais em posição tônica

altas	/u/		/i/
médias		/ô/	/ê/ (2º grau)
médias		/ó/	/è/ (1º grau)
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

(CÂMARA JR. (2007 [1970]) P.43)

Ainda em posição tônica, porém antes de segmentos nasais (*sonho, cama*), o autor indica que as vogais de primeiro grau são eliminadas e a vogal central é levemente posteriorizada. Neste ponto, o sistema vocálico contaria com 5 vogais, conforme Figura 2.

Figura 02 – vogais tônicas diante de consoante nasal na sílaba seguinte

altas	/u/		/i/
médias		/o/	/e/
baixa		/a/	
		[â]	

(CÂMARA JR. (2007 [1970]) P.43)

Nas posições átonas, ocorre o que Câmara Jr. (2007 [1970]) interpreta como neutralização, pois há a perda de algumas oposições entre fonemas, com a eliminação da distinção entre eles, acarretando a redução do número de fonemas.

Na Figura 3 mostramos a pauta pretônica:

Figura 03 – Vogais na posição pretônica

altas	/u/		/i/
médias		/o/	/e/ (2º grau)
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

(CÂMARA JR. (2007 [1970]) P.44)

É nesta posição que a oposição entre as vogais médias de primeiro grau /ɛ/ e /ɔ/ e segundo grau /e/ e /o/ são eliminadas, como em *b[ɛ]lo*, *b[e]leza*, *f[ɔ]rma* e *f[o]rmoso*. Além disso, também nesta pauta a vogal baixa central sofre uma leve posteriorização.

Chegamos agora à posição postônica, onde, de acordo com Câmara Jr. (2007 [1970]), as vogais podem ser não finais e finais. Na posição postônica não final, há a neutralização somente entre /o/ e /u/, em formas como *pér[u]la* para *pér[o]la*. Fica o quadro desta posição como representado na Figura 4, abaixo.

Figura 04 – Vogais postônicas não finais

Altas	/u/		/i/
Média	/.../		/e/
Baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

(CÂMARA JR. (2007 [1970]) P.44)

Por fim, na posição postônica final, restam três vogais /u/, /i/ e /a/, pois ocorre a neutralização entre as vogais médias e as altas, em formas como *bol/u/* para *bol/o/* e *tim/i/* para *tim/o/*. A Figura 5 mostra, na representação triangular, como fica esta pauta.

Figura 05 – Vogais em posição postônica final

altas	/u/		/i/
baixa		/a/	
	anterior	central	posterior

(CÂMARA JR. (2007 [1970]) P.44)

Cabe ressaltar aqui que Câmara Jr. (2007 [1970]) tem como base o dialeto carioca e que as análises tradicionais não consideravam a variação, sendo já apontado por Vieira (1994) que a pauta vocálica proposta por Câmara Jr. (2007 [1970]), com afirmações categóricas, não necessariamente dará conta das variedades existentes em diferentes dialetos.

## 2.2 Perspectiva gerativista de Lopez

Antes de apresentarmos a perspectiva gerativista, cabe ressaltar que, assim como a perspectiva estruturalista de Câmara Jr. (2007 [1970]), a descrição que segue do sistema vocálico pode não ser suficiente para abordar as variações presentes em diferentes regiões do Brasil, visto que, tal qual Câmara Jr., Lopez também analisa o dialeto carioca.

Para apresentar a perspectiva gerativista do sistema vocálico do português brasileiro, recorreremos aqui a Lopez (1979). Esta autora, com base no dialeto carioca, como já dito, reinterpreta Câmara Jr. utilizando traços fonológicos ([alto], [baixo], [posterior], [arredondado] e [elevado], sempre com valores binários) para caracterizar cada vogal e propondo um sistema com quatro alturas, conforme Figura 06, que segue.

Figura 06 – Sistema vocálico do português brasileiro

	[anterior] [-arredondado]	[posterior] [-arred]    [+arred.]
+ alto, - baixo, + elevado	i	u
- alto, - baixo, + elevado	e	o
- alto, - baixo, - elevado	ɛ	ɔ
- alto, + baixo, - elevado		a

(LOPEZ, 1979, p. 50)

Na pauta pretônica, assim como Câmara Jr. (2007 [1970]), Lopez (1979) defende a neutralização das vogais médias, ficando o sistema com 5 vogais. Na Figura 7, vemos a estrutura proposta por Lopez.

Figura 07 – Sistema vocálico do português brasileiro em posição pretônica

	[- posterior] [-arredondado]		[+ posterior] [-arred]    [+arred.]
+ alto	i		u
	e		o
+ baixo			a

(LOPEZ, 1979, p. 88)

Também em conformidade com Câmara Jr. (2007 [1970]), quando Lopez (1979) trata da posição postônica não final, admite que exista a neutralização entre /o/ e /u/ e não entre /e/ e /i/, ficando o sistema vocálico com 4 vogais, conforme Figura 08.

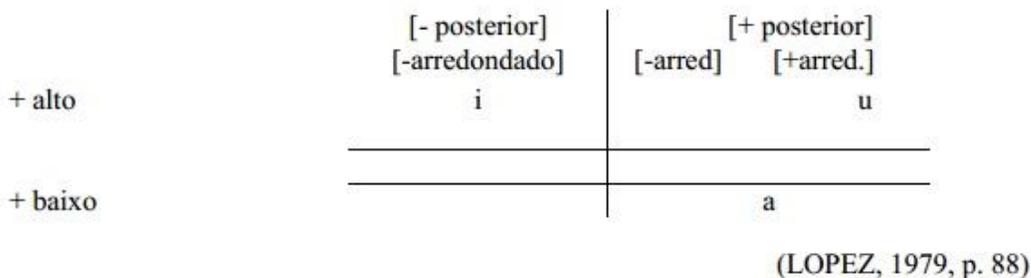
Figura 08 – Sistema vocálico do português brasileiro em posição postônica não final

	[- posterior] [-arredondado]		[+ posterior] [-arred]    [+arred.]
+ alto	i		u
	e		
+ baixo			a

(LOPEZ, 1979, p. 88)

Chegamos, por fim, à posição átona final, onde, também para Lopez, o sistema fica composto das vogais /i/ e /u/ [+alto –baixo] e /a/ [+baixo] (conforme Figura 9). Porém, diferente de Câmara Jr. (2007 [1970]), a autora questiona se essa redução do sistema ocorre por neutralização, visto que a regra de neutralização em posição átona final apresenta restrições, como a não-elevação de /e/ quando este ocupar a posição átona final de palavras proparoxítonas terminadas em /r/ /l/ /n/ e /z/.

Figura 09 – Sistema vocálico do português brasileiro em posição postônica final



No que se refere à neutralização, Lopez (1979) afirma não existirem evidências de neutralização das vogais médias de forma direta, apenas, como diz Silva (2009)

em nomes terminados em /e/ que se originam de verbos da segunda conjugação terminados em <ar> como em *chicotear- chicoteio - chicote*. Considerando que para formar esses verbos o sufixo é apenas <ear>, sugere-se que os nomes que deles se originam terminam em /e/, como em *chicote* ([ʃikotʃi]). Entretanto, é preciso considerar que a terminação <ear> é também acrescida a nomes que não terminam em /e/. como em *barba - barbear*. (p. 23)

### 2.3 Mudança linguística e modelos teóricos

Já é ponto consolidado nos estudos linguísticos que as línguas são vivas tal qual os indivíduos que as utilizam, ou seja, da mesma forma que os sujeitos e as comunidades não são estáticas, o sistema linguístico está em constante transformação em todas as suas esferas. Estas mudanças pelas quais as línguas passam não são abruptas, não ocorrem de uma hora para outra, são lentas, graduais e ocorrem de maneira distinta em distintos sistemas e comunidades. Sobre isso, devemos citar Labov e Herzog (2006), que, sobre a mudança, dizem:

“...não é uniforme nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico” (p. 126)

Durante estes períodos de tempo em que a língua varia e caminha para uma possível mudança, os elementos variáveis competem entre si na tentativa de “serem selecionados”. Tal seleção, no entanto, não necessariamente acontecerá, não acarretará a mudança. Sobre isso, os próprios Labov e Herzog (2006) explicam que, para a mudança acontecer,

impreterivelmente existirá variação implicada no processo, mas nem toda variação acarretará, definitivamente, a mudança.

Esta mudança, por sua vez, não é como muito tempo se pensou, irregular, “caótica”, ela pressupõe regularidade. A variação, no decorrer do processo de desencadeamento da mudança, é sistemática, poderá ser analisada, como escreve Faraco (2005).

E é justamente esta percepção da regularidade presente no processo da mudança que traz à tona a preocupação em se entender como o processo ocorre. Um dos primeiros métodos a olhar para isso foi o chamado método comparativo. Tal modelo, que tem como obra considerada fundadora o “Sistema de conjugação do Sânscrito”, escrita por Franz Bopp e publicado em 1816, tinha a intenção de, através da comparação, encontrar uma língua-mãe, ou protolíngua, pois acreditava-se que diferentes línguas tinham uma relação que poderia ser recuperada na história.

Foi por esforços dos comparatistas que estabeleceram-se o mapeamento e o parentesco entre línguas e também as relações entre elas. Porém, esse método não conseguia explicar muito do que ocorria na fala, das mudanças que ali estavam presentes, dentro de uma mesma língua. Distintamente desta comparação que, segundo Tarallo (1990), consistia em levantar palavras cognatas de vários sistemas e identificar suas semelhanças, com análise de sentido e forma, os neogramáticos passam a tentar entender a mudança através dos indivíduos.

Os estudos passam, então, de uma visão interna da língua para uma visão que trata também dos aspectos psicológicos, onde são os indivíduos os agentes da mudança coordenada por leis fonéticas, não havendo espaço para exceção. Ainda de acordo com Tarallo (1990):

Qualquer mudança fonológica, por ocorrer mecanicamente, acontece de acordo com leis que não admitem exceção. Isto é, a direção da mudança fonológica é sempre a mesma para todos os membros de uma comunidade linguística com exceção dos casos de ruptura dialetal; e todas as palavras nas quais o som sujeito à mudança aparece na mesma relação são afetadas pela mudança sem exceção. (p. 46, 47)

Enquanto os comparatistas tratam as exceções como casuais, os neogramáticos, ao deparar-se com fenômenos que não podiam ser explicados pela rigorosidade das leis fonéticas, introduzem o conceito de analogia, onde as mudanças fonéticas não são mais exceções, ocorrem pela força do paradigma gramatical. Através da analogia, se buscava

restaurar os padrões gramaticais, pois entendia-se que as mudanças no plano fônico se davam pela interferência do plano gramatical.

Por centrar fortemente a mudança linguística no indivíduo, por sua rigorosidade na concepção de leis fonéticas e também por não admitir exceções, esse modelo sofreu, à sua época, duras críticas. Não admitia a possibilidade de que a mudança poderia ocorrer em partes fragmentadas do espaço social de alcance de uma língua ou, conforme Silva (2009, p.32), de que a mudança não acontecesse em toda a língua simultaneamente, mas em partes.

Até este momento, temos dois modelos preocupados em estudar a mudança partindo do que é homogêneo no sistema, cada qual com seu viés e objetivo final diferente: comparatistas centrados na parte interna das línguas antigas e em busca de uma língua-mãe, e neogramáticos, centrados no indivíduo, tentando entender a mudança através das línguas vivas. Não distante deste olhar sobre a homogeneidade da língua, Saussure (1972) estabelece a dicotomia *langue/parole*, onde o segundo (a fala) não poderia ser descrita por sua assistemática, cabendo ao primeiro o *status* de objeto de estudo dos linguistas.

Tal dicotomia consiste no pressuposto de que *langue* é um sistema homogêneo, um conjunto de valores que se contrapõem e que fazem parte da mente de cada falante presente em uma comunidade, sendo, assim, um produto social, ao passo que *parole* é ato individual, e, dessa forma, suscetível a interferências variadas, linguísticas ou não linguísticas.

Weinreich, Labov e Herzog (1968) afirmam que, para Saussure, a heterogeneidade, a variabilidade não poderia ser sistematizada, pois era inerente ao desempenho, que poderia sofrer imprecisões.

Será a partir da Teoria da Variação (doravante TV) (LABOV, 1972), fundadora da Sociolinguística Variacionista, que a heterogeneidade terá papel importante no estudo da mudança linguística.

## **2.4 Teoria da Variação**

Como já mencionado anteriormente, a linguística preocupou-se por bastante tempo em buscar o entendimento da mudança linguística através do olhar sobre a parte homogênea da língua, não considerando a sua heterogeneidade, não olhando para a

possibilidade de existirem fatores condicionantes de fora da própria língua ou que perpassassem cada indivíduo, fatores que “pertencem” a um âmbito social, de grupo.

É justamente depois das tentativas de entendimento da mudança realizadas por neogramáticos, estruturalistas e comparatistas, dando corpo aos estudos em Sociolinguística, que surge a TV, com o intuito de entender, justamente, o processo de mudança para além dos fatores internos. Nessa empreitada, a obra considerada como fundadora dessa proposta teórico-metodológica é *Empirical foundations for a theory of language change* publicada em 1968 por Weinreich, Labov e Herzog.

Através da percepção de que a concepção da língua como um sistema homogêneo impossibilita entender a mudança, os autores buscam explicar os fenômenos variáveis através de um novo olhar, que leva em consideração a variação partindo de sua observação e descrição. Essa observação leva em consideração também o componente social, elemento este não considerado em modelos anteriores.

Antes mesmo de 1968, Labov (1963) estuda a centralização dos ditongos /ay/ (*light*, luz) e /aw/ (*house*, casa) na ilha de Martha's Vineyard, inserindo-se na comunidade, com observações do âmbito social e linguístico e propondo o levantamento de dados (através de amostras de fala coletadas com indivíduos da comunidade) para a realização de uma análise quantitativa. Nesse trabalho, Labov objetivava descrever a variação da língua falada e compreender sua sistematização, para o que o tratamento estatístico (quantitativo) de dados empíricos se fazia necessário.

Voltando a Weinreich, Labov e Herzog (1968), temos a introdução do conceito de heterogeneidade ordenada, cuja descrição nos revela que a variação não é aleatória, que, segundo Sankoff (1988, p.1), segue regras e pode ser analisada quando utilizados métodos para dar conta disto. Tais regras podem ser categóricas ou variáveis, sendo as primeiras quando apenas uma forma linguística pode ser utilizada em determinado contexto, e variável quando duas ou mais formas competem e podem ser utilizadas no mesmo ambiente linguístico.

Tais regras variáveis, segundo Labov (1963), estão relacionadas a fatores que tanto podem ser linguísticos quanto extralinguísticos. A escolha, em determinada comunidade, de uma variante em detrimento de outra, com o mesmo valor de verdade segundo Tarallo

(1986, p.8), pode estar condicionada aos fatores internos da língua ou aos fatores sociais, ou a ambos.

Segundo Carniatto (2000, p.34), o pesquisador variacionista deve lançar mão de técnicas quantitativas para tentar entender a aplicação das regras variáveis pelos falantes. Para isso, além dos fatores linguísticos, os fatores que dizem respeito ao indivíduo devem ser considerados ao se proceder a uma análise que tenha por objetivo avaliar formas concorrentes em determinados contextos. Tais fatores podem dizer respeito a aspectos como sexo, idade, escolaridade, classe social, entre outros.

É a observação destas formas em concorrência através de suas variáveis linguísticas e extralinguísticas que a TV (LABOV, 1972) busca entender, sincrônica e diacronicamente, a estrutura e os processos de mudança em uma língua.

A análise dos dados permite perceber se existe uma mudança em progresso (quando o processo dirige-se à predominância de uma variável em relação à outra) ou se existe variação estável (não existe a predominância de uma variável em relação à outra). Porém, esta análise não é assim tão simples, cabe aqui aclarar que a mudança em progresso pode ser confundida, por exemplo, com gradação etária<sup>2</sup>, principalmente quando pegamos o recorte de uma língua em apenas um momento.

Para minimizarmos as chances de uma má interpretação, é indicado realizarmos a pesquisa em tempo aparente e a pesquisa em tempo real (LABOV, 1994 p.73). A pesquisa em tempo aparente é a análise de um determinado fenômeno linguístico variável levando em consideração as faixas etárias dos indivíduos que fornecem os dados de fala e a clássica concepção de que a língua de um indivíduo se estabiliza na juventude. Comparam-se as proporções de aplicação da regra pelos diferentes grupos etários. Se, do grupo mais idoso ao mais jovem, houver incremento na aplicação da regra, é possível afirmar que o processo é variação na mudança em progresso.

Já a pesquisa em tempo real prevê coletas de dados mais de uma vez na mesma comunidade, após um intervalo de tempo. Comparam-se as proporções de aplicação da regra nesses diferentes momentos de coleta. A pesquisa em tempo real pode ser feita com

---

<sup>2</sup> Gradação etária verifica-se quando os indivíduos, durante sua vida, mudam o comportamento linguístico, incrementando o uso de uma variante na juventude, por exemplo, mas minimizando seu uso posteriormente, na maturidade, sendo que, nesse período, o padrão da comunidade em que se inserem não sofre alteração.

os mesmos indivíduos e o mesmo instrumento da primeira pesquisa (estudo de painel) ou com indivíduos da mesma comunidade escolhidos aleatoriamente (estudo de tendência). Teremos, assim, dados e índices de aplicação da regra numa língua em dois momentos históricos diferentes, com suas particularidades sociais.

Além disso, cabe citar aqui o que Labov (1972) chama de Paradoxo do Observador, o fato de os falantes quando, ao sentirem-se observados durante a coleta de dados, aproximarem sua fala do que acreditam ser as formas mais prestigiadas da língua. É necessário que o informante utilize sua fala casual para obtermos um retrato mais fiel da realização da língua, razão pela qual o pesquisador lança mão da entrevista sociolinguística, ou de uma conversa semi-dirigida, para obtenção de dados, procedimento que detalharemos adiante, no capítulo 4, Metodologia.

Os fundamentos teóricos sobre o sistema vocálico do português, variação, mudança e Teoria da Variação, abordados no capítulo que ora se encerra, se farão presentes no próximo capítulo, *Revisão de literatura*, como também em nossa dissertação.

### **3 REVISÃO DA LITERATURA**

Dentre os primeiros trabalhos realizados no Rio Grande do Sul que utilizaram aportes da Teoria da Variação e trataram do vocalismo átono, destacam-se as análises de Bisol (1981), sobre harmonia vocálica, Schmitt (1987), sobre a elevação da postônica, Battisti (1993), sobre a elevação da vogal inicial e Vieira (1994), sobre a elevação da postônica.

Sobre a elevação das vogais médias em posição átona final, podemos citar os estudos de Vieira – além do trabalho de 1994, os trabalhos de 1997, 2002, 2009, 2010; os estudos de Roveda (1998), Schmitt (1987), Carniato (2000), Mallman (2001), Silva (2009) e Mileski (2013).

Fazemos aqui uma pequena descrição dos resultados obtidos em alguns destes trabalhos para, na sequência, tentar elencar os fatores geralmente apontados como condicionantes da elevação das vogais médias postônicas.

#### **3.1 Bisol (1981)**

Em seu estudo sobre harmonia vocálica, Bisol (1981) utiliza dados de 44 informantes gaúchos e considera as vogais médias pretônicas seguidas de sílabas com vogal alta em dois recortes, fala popular e fala culta. O primeiro recorte inclui dados de todos os informantes, divididos em grupos geográficos distintos: metropolitanos, fronteiriços e descendentes de italianos e alemães. O segundo recorte abrange dados dos metropolitanos.

No que diz respeito às variáveis controladas, Bisol elencou como variáveis linguísticas nasalidade, tonicidade, paradigma, atonicidade, distância da sílaba tônica, sufixação, contexto fonológico precedente, contexto seguinte; e como variáveis extralinguísticas sexo, etnia, situação da entrevista (fala livre, teste), e idade. Alguns resultados do estudo são: a presença de vogal átona na sílaba próxima às vogais em estudo é fator condicionante da harmonia vocálica, indiferente da tonicidade desta vogal; a vogal /i/ é mais favorecedora na elevação, pois influencia tanto /e/ quanto /o/, enquanto a vogal /u/ atua mais especificamente em contextos com /o/. Também mostrou que consoantes

alveolares não favorecem a elevação, enquanto as velares em contexto precedente e as labiais em contexto seguinte favorecem a elevação de /e/ e /o/.

Mileski (2013) conclui, sobre o estudo de Bisol (1981), que “[...] na variedade culta /e/ e /o/ pretônicos apresentam uma taxa de alçamento, enquanto nos dados de fala popular ocorre variação a depender da vogal, com /o/ pretônico mostrando-se mais suscetível à elevação do que /e/ pretônico.” (p. 42)

### 3.2 Schmitt (1987)

Schmitt (1987) analisou a redução vocálica de vogais médias, tanto em posição final como em posição não final. Sua amostra contou com 12 informantes, sendo estes: 04 bilíngues da cidade de Taquara (colonização alemã), 04 bilíngues da cidade de Veranópolis (colonização italiana), 04 monolíngues da cidade de Livramento (fronteira com o Uruguai) e 01 informante da região metropolitana.

Partindo da hipótese de que as vogais médias átonas finais e não finais sofreriam variação na região de fronteira e nas regiões de colonização italiana e alemã e não na região metropolitana, a autora controla as variáveis: acentuação, contexto precedente, contexto seguinte, juntura, classe morfológica e posição no sintagma frasal. Extralinguisticamente, foi considerada a variável tipo de entrevista.

No contexto precedente, nos resultados da vogal /o/, Schmitt (1987) conclui que para os alemães, as labiais [p,b,f,v] tiveram influência no processo de elevação. Já para os fronteiriços, os fatores condicionantes foram [l, η, n, m] e, para os italianos, o contexto precedente não apresentou relevância. No contexto seguinte, para /o/, os fatores [k, g, ʒ, dʒ, tʃ, ʃ] foram favorecedores para os alemães, enquanto para os fronteiriços os fatores favorecedores foram [t, d, s, z] e, para os italianos, [p, b, f, v]

No contexto precedente para a vogal /e/, tanto alemães, como fronteiriços e italianos apresentam os fatores [k, g, ʒ, dʒ, tʃ, ʃ] como favorecedores, e, no contexto seguinte, [t, d, s, z] foram condicionantes do processo de elevação para todos os grupos.

Ainda sobre o estudo de Schmitt (1987), a juntura foi considerada favorecedora da elevação no grupo de italianos e fronteiriços.

### **3.3 Battisti (1993)**

Como já mencionado, Battisti (1993) analisa a elevação das vogais médias pretônicas quando em sílaba inicial de vocábulo. A autora analisou fala popular e fala culta, e sua amostra foi assim distribuída: 7 descendentes de alemães, 7 descendentes de italianos, 7 fronteiriços e 7 metropolitanos para a fala popular; para a fala culta, foram selecionados 7 informantes metropolitanos.

As variáveis linguísticas controladas foram: tipo de sílaba, prefixação, distância da sílaba, vogal da sílaba seguinte, contexto precedente e contexto seguinte. Extralinguisticamente, a autora controlou as variáveis sexo e etnia.

Como resultados a serem mencionados aqui, temos os fatores com prefixo, sílabas pesadas, vogal alta no contexto precedente, e os fatores sem ataque, dorsal e contexto fonológico seguinte palatal como favorecedores para todos os grupos étnicos. Menor distância (distância 1) e distância 2 foram favorecedores na fala culta dos metropolitanos, e distância 2 foi favorecedora na fala popular dos metropolitanos. Em relação ao fator seguido de vogal alta, o resultado apresentado foi de favorecimento para o grupo de metropolitanos e italianos na fala popular; o fator vogal no contexto seguinte favoreceu a aplicação da regra para metropolitanos, italianos e fronteiriços.

### **3.4 Vieira (1994)**

Como Bisol (1981) e Battisti (1993), Vieira (1994) utiliza dados de entrevistas sociolinguísticas realizadas no Rio Grande do Sul entre 1977 e 1978. Vieira (1994) tem como objetivo observar quais são os fatores condicionantes da elevação das vogais médias postônicas finais e também das não finais. A constituição da amostra foi a seguinte: 28 informantes, sendo 07 da cidade de Taquara (colonização alemã), 07 da cidade de Veranópolis (colonização italiana), 07 da cidade de Livramento (fronteira com o Uruguai) e 07 informantes da região metropolitana.

As variáveis linguísticas controladas por Vieira (1994) foram: contexto vocálico, contexto precedente, contexto seguinte, tipo de sílaba, classe de palavra, posição da sílaba. Já as variáveis extralinguísticas foram: etnia, sexo e tipo de entrevista. De todas as variáveis

controladas, contexto seguinte, classe de palavra e tipo de entrevista não influenciaram a regra. Em contrapartida, etnia foi considerada a mais relevante.

De acordo com os resultados dessa pesquisa, italianos e informantes da fronteira se mostraram mais propensos à preservação das vogais médias, enquanto alemães ficaram próximos do ponto neutro e apresentaram maior elevação de /o/ em relação a /e/.

Em relação ao contexto precedente, as consoantes obstruintes [t, d, k, g, p, b, f, v] foram favorecedoras da aplicação da regra. Além disso, o fator ‘nasal’ no contexto precedente mostrou leve favorecimento da elevação de /e/.

No contexto vocálico, vogal alta na palavra se mostrou favorecedora da elevação tanto de /e/ como de /o/. Sobre isso, Mileski (2013) diz: “O papel favorecedor das vogais altas permite refletir sobre um possível caso de assimilação da altura da vogal, semelhante ao que ocorre na elevação da pretônica.” (p. 48).

Por fim, na variável tipo de sílaba, o fator sílaba com coda /S/ favoreceu a elevação de ambas as vogais e sílaba final pesada, na variável posição da sílaba, favoreceu a elevação de /e/, enquanto sílaba final pesada e sílaba final leve favoreceram modestamente a elevação de /o/. Cabe apontar que já nesse estudo, Vieira (1994) nos indica que a probabilidade de elevação de /e/ é maior em sílaba final leve, enquanto a elevação de /o/ tem probabilidade de ocorrer tanto em sílaba final leve quanto em sílaba final pesada.

### **3.5 Roveda (1998)**

Roveda (1998) estudou a elevação das vogais médias átonas finais a partir de amostra constituída do banco de dados VARSUL. Esta amostra contou com 48 informantes, 24 das regiões metropolitanas de Porto Alegre e Florianópolis e 24 de Flores da Cunha e Chapecó, sendo estes últimos bilíngues (português e italiano) e os primeiros, monolíngues.

As variáveis linguísticas consideradas foram: contexto precedente, juntura, classe de palavra, presença da vogal alta e tipo de coda. Extralinguisticamente, foram controlados sexo, bilinguismo, idade e escolaridade.

Os resultados de Roveda (1998) indicam, no contexto precedente, consoantes palatais e labiais como favorecedoras para /o/ e consoantes palatais e dorsais como

favorecedoras para /e/. Como no estudo de Vieira (1994), o fator coda /S/ favoreceu tanto a elevação de /e/ quanto de /o/, enquanto o fator coda /N/ favoreceu a elevação de /e/. Juntura, como no estudo de Schmitt (1987), mostrou-se favorável para o alçamento de ambas as vogais.

Por fim, sexo, idade e escolaridade apresentaram favorecimento para /o/. E, na classe gramatical, o fator verbos favoreceu a elevação de /e/, enquanto o fator advérbios favoreceu a elevação de /o/.

### **3.6 Carniato (2000)**

Carniato (2000) realizou sua pesquisa com 12 informantes de Santa Vitória do Palmar, cidade de fronteira com o Uruguai. Considerou as variáveis: segmento precedente, segmento seguinte, classe gramatical, contexto vocálico precedente, tipo de sílaba, estrutura da sílaba postônica final, idade e escolaridade.

A autora parte da hipótese de que, por ser uma região de fronteira e haver o contato entre a língua portuguesa e espanhola, os falantes preservariam as vogais médias quando em posição final.

Como resultado, Carniato obteve favorecimento no fator coronal na variável contexto precedente para /e/ e para /o/. Em relação ao contexto seguinte, as nasais se mostraram favorecedoras para /o/, apenas.

### **3.7 Mallmann (2001)**

Mallmann (2001) também contribuiu com o estudo da elevação das vogais médias átonas finais, investigando o processo na cidade de Santo Ângelo. O autor controlou as seguintes variáveis: tonicidade, contexto precedente, contexto seguinte, classe gramatical, tipo de vogal, gênero, escolaridade e etnia.

Das variáveis sociais, ou seja, gênero, escolaridade e etnia, todas apresentaram favorecimento da regra de elevação, sendo os jovens os que mais elevam. No gênero, são as

mulheres que favorecem o processo de elevação. Quanto às variáveis linguísticas, Vieira (2009) assim resume o verificado por Mallmann (2001):

Quanto à variável tipo de vogal, os resultados indicam que a vogal média /o/, em posição final, apresenta maior tendência ao alçamento em relação à vogal média /e/. Com relação à variável contexto precedente, apresentou-se como levemente favorável ao alçamento das vogais o contexto das fricativas [s, z, f, v, ], ʒ ]. Em contexto seguinte mostrou-se relevante para a elevação de /e/ e /o/ finais o fator /S/. (p.39).

### **3.8 Vieira (2002)**

Vieira (2002) desenvolve um estudo nos três estados do sul do Brasil, nas cidades de Porto Alegre, São Borja, Flores da Cunha e Panambi no Rio Grande do Sul; Florianópolis, Chapecó, Lages e Blumenau, em Santa Catarina; Curitiba, Pato Branco, Irati e Londrina no Paraná.

A amostra de Vieira (2002) foi selecionada do banco de dados VARSUL, e foi composta por 8 informantes para cada cidade. Considerou na análise a postônica final e não final. Nos ateremos apenas aos resultados para a posição final.

As variáveis controladas para a posição final foram: contexto precedente, tipo de sílaba, contexto vocálico e localização da postônica na palavra, na esfera linguística; faixa etária, escolaridade e localização geográfica, na esfera social.

Os resultados para /o/ em posição final indicam favorecimento das variáveis tipo de sílaba e contexto vocálico, sendo a coda /S/, como citado em estudos anteriores, importante para a aplicação da regra variável. Também, como expuseram trabalhos anteriores, a presença de vogal alta na sílaba próxima se mostrou influenciadora da elevação. Quanto a /o/, as fricativas /s, z/ e as labiais precedentes, presença de vogal alta no contexto vocálico e coda /S/ foram favorecedoras.

A autora cita a variável extralinguística localização geográfica como determinante na realização das vogais médias átonas, e também pontua a variável linguística contexto precedente como tendo importante papel na manifestação variável das átonas finais.

Sobre isso, Vieira (2009) nos diz que os falantes do Rio Grande do Sul tendem a elevar tanto /e/ quanto /o/; os de Santa Catarina apresentam uma atitude neutra, ao passo que preservam e elevam as vogais médias na mesma medida; e os do Paraná tendem à preservação das vogais médias. Em relação às cidades analisadas, Porto Alegre apresenta maior índice de elevação das vogais médias em posição final e não-final, Curitiba apresenta maior preservação em posição não-final e Flores da Cunha, Chapecó e Irati apresentam uma maior preservação de /e/.

Por fim, Vieira (2002) conclui que a regra de neutralização está aos poucos sendo introduzida no sistema vocálico do sul do Brasil, sendo, desta forma, condicionada tanto por fatores linguísticos como por extralinguísticos.

### **3.9 Silva (2009) e Mileski (2013)**

Outros estudos também contribuíram para a descrição da realização do sistema vocálico do português brasileiro no sul do país, em especial no Rio Grande do Sul, no que diz respeito à elevação das vogais médias átonas finais. Silva (2009) analisou a elevação das vogais médias átonas finais na localidade de Rincão Vermelho, cidade que faz fronteira com a Argentina e se localiza no noroeste do Rio Grande do Sul, concluindo que a regra apresenta aplicação variável nesta comunidade, tendendo mais para a preservação das vogais médias.

Além disso, citando a própria autora do estudo, vemos que a elevação de /o/ ocorre mais geralmente do que a de /e/, o que vai ao encontro de outros trabalhos já citados: “a análise estatística revelou que em posição final tem-se variavelmente a oposição entre /o/ e /u/ e /e/ e /i/. Os resultados apontaram, também, que a regra de elevação de /o/ final encontra-se em um estágio mais avançado em relação à vogal /e/” (SILVA 2009, 155)

As análises de Silva (2009) e de Vieira (2002) nos apontam para dois fatores que têm efeito na aplicação variável da regra de elevação das vogais médias no português do sul do Brasil. Tais fatores são: a localização geográfica, visto que, para Vieira (2002), em Porto Alegre a regra de elevação já se aplica categoricamente, enquanto em outras capitais da região sul o sistema ainda está em processo de mudança; o contato entre línguas, seja com a

língua espanhola, como no caso de Rincão Vermelho apontado por Silva (2009), ou com dialetos presentes em regiões de colonização italiana e alemã.

Por fim, também Mileski (2013) faz a análise da elevação variável das vogais médias em posição átona final. Sua pesquisa, realizada na cidade de Vista Alegre do Prata com descendentes de imigrantes poloneses, apresenta como resultado uma maior preservação das vogais médias, e, como já esperado pela autora, uma frequência maior de elevação de /o/ em relação a /e/. Tal resultado vai ao encontro do verificado pelas pesquisas já citadas: as regiões de contato entre línguas tendem à preservação das vogais médias, principalmente no sul do Brasil.

## 4 METODOLOGIA

Como se trata de uma pesquisa do vernáculo, foi necessário realizar coleta de dados na comunidade selecionada. Os dados da pesquisa foram coletados pelo próprio autor, mediante a realização de entrevistas sociolinguísticas. Como o autor é familiarizado com a comunidade, a interação foi facilitada e o acesso aos moradores da comunidade se deu com tranquilidade, minimizando assim o paradoxo do observador<sup>3</sup>. Neste capítulo, descreveremos a comunidade e apresentaremos os procedimentos de coleta, as variáveis consideradas, a forma de codificação dos dados e o instrumento de análise empregado.

### 4.1 Comunidade de fala

Apesar de haver diversas definições para comunidade de fala, Guy (2000) nos apresenta uma definição que engloba características consensuais na literatura sociolinguística. Tais características são:

- Características linguísticas compartilhadas;
- Densidade de comunicação interna relativamente alta;
- Normas compartilhadas.

A primeira destas características definirá se um indivíduo é um membro de determinada comunidade de fala ou se é um intruso, pois são as características compartilhadas que organizarão as diferenças e semelhanças em construções gramaticais, palavras ou sons utilizados dentro de uma comunidade, mas não fora dela. Por exemplo, o pronome *tu*, no português brasileiro, é utilizado predominantemente em determinadas comunidades, distinguindo-as de outras, como o Rio Grande do Sul, em que se usa mais *tu*, e Rio de Janeiro, em que se usa mais *você*. Quando falantes dessas variantes dialogam com falantes de outras comunidades, logo são percebidos como sendo “de fora”. Outro exemplo, referente agora a Esquina Barra Funda, é a utilização do [r] em início de palavras, como

---

<sup>3</sup> Paradoxo do observador: O pesquisador, na pesquisa linguística, precisa descobrir como a comunidade fala quando não está sendo observada sistematicamente, porém estes dados só podem ser obtidos por meio da observação sistemática. (LABOV, 2008, P.244)

[rato]. Quando algum indivíduo de fora, chegava na comunidade produzindo, por exemplo [χato], é prontamente identificado como sendo “estrangeiro” à comunidade.

A segunda característica diz respeito ao acesso que os indivíduos têm ao uso linguístico de outros falantes da sua comunidade. Uma alta densidade de comunicação entre os membros da comunidade “cria a possibilidade de adquirir deles certos traços linguísticos” (GUY, 2000, p.20), ao contrário de uma situação de baixa densidade de comunicação, onde o raro contato com os demais falantes torna menos provável a aquisição de usos característicos. Vale dizer, então, que, em grandes centros urbanos, é possível haver subcomunidades de fala dentro da comunidade maior. Já em comunidades pequenas como Esquina Barra Funda, em que todos se conhecem, pode haver comunicação em alta densidade e, em decorrência disso, usos característicos e formas linguísticas mais homogêneas.

A terceira característica nos diz: “membros de uma comunidade compartilham normas e atitudes em comum sobre o uso da língua” (GUY, 2000. p.21). São estas normas que definirão, dentro da comunidade, o que usar, quando usar.

Por fim, Guy (2000) conclui que os muitos traços compartilhados por determinada comunidade são o reflexo de uma unidade maior, o português do Brasil, e um menor número de traços compartilhados reflete o *status* de subcomunidade, de uma comunidade de fala particular, ou seja, marcam a distinção de uma comunidade dentro de uma comunidade maior a qual ela também pertence. É o caso de Esquina Barra Funda.

#### **4.1.1 Esquina Barra Funda**

Para falar da comunidade de Esquina Barra Funda, optamos aqui por dividir a apresentação em dois momentos.

No primeiro momento, traremos uma série de percepções e lembranças, como uma descrição em primeira pessoa (ou um memorial), com base na vivência na comunidade durante a infância e adolescência. Após isso, traremos a vivência como um visitante que começa a ver o próprio local com uma visão mais ampla, a mudança das percepções a partir da volta à comunidade como pesquisador.

No segundo momento, apresentaremos os dados mais “duros”, a partir dos indicadores do IBGE e dados da prefeitura municipal e outros dados oficiais, a fim de localizar melhor espacial e comercialmente a localidade.

#### **4.1.1.1 A comunidade de Esquina Barra Funda na visão do habitante e do pesquisador**

Minha história em Esquina Barra Funda começa a partir de dezembro de 1988, dois anos após meu nascimento, quando, por força da profissão de minha mãe (professora na rede estadual de ensino), ocorre uma transferência entre uma escola de Horizontina (cidade onde nasci) para uma escola de Esquina Barra Funda, então pertencente ao município de Tucunduva.

As primeiras lembranças são de uma pequena casa alugada, na parte mais habitada da comunidade, onde costumeiramente, nas comunidades pequenas, se localizam as igrejas, o mercado (chamado por todos de mercadinho, ou pelo nome do dono, nunca por sua razão social ou nome fantasia). Lembro-me dos salões de baile, da escola com seu campo de futebol e de uma pequena praça com brinquedos para crianças.

Nessa casa, lembro-me de ter feito os primeiros contatos com as crianças da vizinhança, que à época eram em bom número, e das primeiras brincadeiras e relações sociais: visitas aos vizinhos, participação nos cultos da Igreja, também reuniões do chamado “culto infantil” (ligado a IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), momento em que, geralmente no sábado, as crianças cujos pais eram ligados a IECLB se reuniam com a supervisão do pastor ou de algum pai para fazer brincadeiras, esportes e ser inseridas na vida da igreja e da comunidade luterana. Nesta época, além da IECLB, havia a igreja católica, que contava com menos participantes e cujos filhos também participavam do culto infantil. Então, era (antes de entrarmos na escola) o momento em que praticamente todas as crianças da comunidade se encontravam e se criavam laços pessoais.

Neste tempo, Esquina Barra Funda parecia ser o maior e melhor lugar do mundo, com inúmeras estradas, campos com árvores que mais pareciam florestas onde, de acordo com as histórias dos “grandes”, muitos perigos habitavam e a que não se devia ir, frutas de muitos tipos nos lugares mais improváveis, onde pelos quais era só passar e pegar, ou, se dentro do pátio de algum vizinho, só chegar até a porta e avisar que ia pegar algumas:

laranjas e bergamotas no inverno, ameixas e abacaxis no verão. Raras idas para Tucunduva (também chamada Sede) para alguma consulta, uma ida ao dentista ou acompanhar os pais ao banco eram momentos tidos como tempo perdido. Não havia ruas asfaltadas ou carros passando o tempo todo, mas nada dava tanto prazer.

Depois desta fase inicial, começa o tempo de ir para a escola, que, para todos, parecia uma oportunidade para passar mais tempo juntos e, ao mesmo tempo, ser apresentado para coisas novas (aprender escrever “emendado”, fazer contas “grandes”) e manter contato com os alunos mais velhos, que já sabiam tudo isso e eram um exemplo de meta a atingir.

Paralelo a estes novos afazeres – temas de casa e compromissos com a escola –, começávamos a ser introduzidos também na participação da “organização” das festas (estar junto com os pais na confecção e colocação dos enfeites, cadeiras e mesas no salão ou ir correndo ao mercadinho buscar algo que faltava para os enfeites), que eram o baile de final de ano, o culto de natal e, principalmente, a festa de Kerb (Kerbfest), tradição anual, realizada em dois dias, últimos domingo e terça de maio, com as brincadeiras e danças tradicionais deste tipo de festa.

Existiam as “brincadeiras da garrafa”. Em uma delas, uma garrafa de madeira enfeitada com papéis coloridos era escondida em algum lugar, na rua, em uma extensão de 100 metros para a direita e 100 metros para a esquerda do salão, a banda de músicas tradicionais saía na frente, tocando marchinhas alemãs, e a população saía atrás para procurar a garrafa. Quando alguém encontrava, deveria entrar na pista de dança do salão. Estas entradas da pista de dança eram protegidas por casais que deveriam “roubar” a garrafa antes que aquele que tinha encontrado entrasse na pista.

Outra brincadeira, também envolvendo a garrafa, era realizada na pista de dança. A garrafa era pendurada, em uma estrutura bem no centro da pista, e deveria ser retirada dali e levada para fora do salão. As pessoas dançavam ao som da banda buscando o melhor momento para saltar e arrancar a garrafa. Para conseguir sair, novamente enfrentavam os casais que faziam a “segurança” das saídas da pista de dança. Em ambas as brincadeiras, a pessoa que conseguisse cumprir o objetivo ganhava uma premiação, geralmente bebida ou comida.

As danças ficavam a cargo, principalmente, dos grupos de danças tradicionais, que apresentavam coreografias como a “dança da fita”, que consistia em diversas pessoas dançando, cada uma segurando uma fita que ficava presa ao topo de um poste. Estas pessoas iam dançando e entrelaçando a fita, até que ela ficasse toda enrolada, fazendo depois o caminho inverso, até desenrolar totalmente. Outra dança sempre realizada era a chamada “polonêse”, aberta a quem da comunidade quisesse participar. Consistia em uma marcha, onde o casal puxador dita o ritmo e os caminhos por onde a fila de outros casais dançarinos passará. O estilo da dança é livre, cada casal segue a marcha com os passos que achar melhor, contanto que sigam o caminho indicado pelos “puxadores”. Geralmente, ocorria para marcar o final dos festejos de Kerb.

O comércio era movimentado. Em época de economia brasileira ruim, muitos argentinos, vindos de Colônia Aurora, apareciam para fazer compras, levar a preço baixo o que lá custava caro ou que lá não existia e, quando se invertia a situação econômica dos dois países (Brasil e Argentina), íamos nós para a Argentina fazer o mesmo. Íamos de caíco<sup>4</sup> com os pais, atravessando o Rio Uruguai, logo cedo da manhã ou depois das três da tarde, horário em que lá abrem os estabelecimentos. Encontrávamos muitos conhecidos e conhecemos muitas pessoas novas, alguns brasileiros que estavam radicados na Argentina, alguns argentinos que estavam ali desde o nascimento, mas que tinham raízes (avós, geralmente) em Esquina Barra Funda.

Até aí, a comunidade vai parecendo um lugar alegre e com muita gente (em 1994, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Gonçalves Dias, que eu frequentava, tinha em torno de 280 alunos, um número que considerávamos grande para uma escola do interior), igual a que eu e minha família havíamos chegado, com a única diferença de que não nos reportávamos mais a Tucunduva como sendo a Sede, e sim Novo Machado, que se emancipara de Tucunduva em 1992.

Todas as famílias dali recebiam muitas visitas, principalmente nos finais de ano. Primos meus e dos meus colegas vindos de diferentes locais, tanto das “cidades grandes” quanto das cidades da Argentina que fazem fronteira com Novo Machado apareciam em “penca”. À medida que crescíamos, estes contatos com todas as histórias que os visitantes

---

<sup>4</sup> Caíco: *sm 1* Pequeno bote de duas proas e de fundo chato. DICIONÁRIO. **Michaelis**. Disponível em: [www.uol.com.br/michaelis](http://www.uol.com.br/michaelis). Acesso em 25 jan. 2015

traziam e o interesse maior na televisão iam começando a desmistificar a visão da cidade e, ao mesmo tempo, criar curiosidade sobre a possibilidade de ser bom estar lá, em um lugar onde os mercados são maiores, existem cinemas com filmes que não passam na televisão, locais para comer coisas diferentes.

A Kerbfest e as outras festas da comunidade começam a parecer mais interessantes, agora não mais pelo ritual de estar ali no momento da organização de tudo, mas sim pelo contato com centenas de pessoas desconhecidas que vêm para participar e estão dispostas a conversar sobre qualquer assunto. O “mundo” Esquina Barra Funda começa a ficar pequeno, haja vista a quantidade de informações e idealizações que se faz dos lugares ao redor e, principalmente, dos lugares distantes.

Ao mesmo tempo, vai se aproximando o momento de pensar no futuro, todos chegando à oitava série, precisando fazer o ensino médio, que era colocado para todos como o “primeiro passo para sair do interior e conseguir uma vida melhor”. As opções se resumiam a fazer a continuação do estudo na Sede do município ou ir para Santa Rosa ou Horizontina, fazer magistério em alguma escola pública (Instituto Estadual de Educação Visconde de Cairu, em Santa Rosa, ou, ainda, Escola Estadual de Ensino Médio Albino Fantin, em Horizontina) ou, então, o técnico em mecânica, no Centro Tecnológico Frederico Jorge Logemann, em Horizontina, para quem conseguisse passar na seleção.

A maioria optou por continuar morando em Esquina Barra Funda e ir para Novo Machado, para estudar, o que não reduziu muito a turma de amigos que estão juntos desde crianças. Porém, se percebe que a comunidade não é mais a mesma: dos alunos mais velhos, que dividiam os espaços anos antes, os que já haviam terminado o ensino médio não ficaram ali, saíram todos em busca de trabalho, principalmente em direção à Serra Gaúcha: Caxias do Sul, Garibaldi, Bento Gonçalves, ou ainda para Vacaria.

Não víamos outra opção a não ser estudar em Novo Machado e depois sair também, mas desta vez, não necessariamente para trabalhar. As propagandas das escolas estaduais de ensino agrícola da região e a entrada do processo seriado da Universidade Federal de Santa Maria (era possível fazer prova para a UFSM sem ter que viajar para Santa Maria) abrem a possibilidade de sair para estudar de graça, condição fundamental para que se continuasse estudando.

Neste ponto, Esquina Barra Funda passava a parecer o menor lugar do mundo, com sua população reduzida (em 2003, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Gonçalves Dias não chegava a ter 120 alunos, tendo hoje, em 2015, menos de 100). Sua tradicional festa de Kerb passa de dois dias para apenas um (somente o último domingo de maio), com pouca gente vindo de fora para acompanhar as danças e brincadeiras. Chegávamos nós a conclusão de que era impossível alguém querer, por vontade própria, ficar ali. Discutíamos que o lugar se transformaria numa comunidade onde, com o passar do tempo, somente ficariam os idosos, em que viver do gado e do plantio não era possibilidade. Havia um mundo onde viver e trabalhar seria mais fácil.

E assim foi. Ajudamos a, naquele momento, “esvaziar” nosso local de infância. A maioria saiu para cursar o técnico em agropecuária em Santa Rosa, na Escola Estadual Técnica Fronteira Noroeste, e dali se espalharam, principalmente para os estados do centro-oeste, para trabalhar nas grandes fazendas de soja ou nas grandes criações de gado. Alguns outros foram para Santa Maria, cursar graduação na UFSM e outros ainda para Ijuí, estudar na Unijuí. Todos convictos de que voltar nunca seria uma opção viável.

O que restou, no nosso pensamento, eram apenas memórias de um lugar que, para nós, havia se perdido no tempo, um lugar em que não valeria a pena investir tempo e vida. Pensávamos que o espaço não era o mesmo, que os vizinhos não se visitavam mais, que as festas não eram mais as mesmas, que colher frutas na beira da estrada não era coisa que deveríamos mais fazer, e tentávamos convencer os outros a fazer a mesma coisa. Tínhamos aquela realidade como sendo a única possível.

Mantive este pensamento por muito tempo depois de ter saído de lá (2004). Andei por Santa Maria (2004-2010), Santo Augusto (2010-2012) e, finalmente, vieram os primeiros tempos em Porto Alegre. Fazer o trajeto de volta para Esquina Barra Funda não raras vezes parecia um sofrimento, parecia que estava voltando para um lugar que não me pertencia mais e a que eu não pertencia. Muitas vezes tinha a impressão de que era apenas uma obrigação.

Essa sensação começa a mudar com meu ingresso no mestrado, a partir do encontro com outras pessoas vindas de lugares semelhantes e que faziam/fazem disso seu campo de estudo e se surpreendem com o quanto desconheciam/desconhecem, em realidade, do lugar que foi sua casa por muito tempo. Surge aí a descoberta dos estudos de elevação vocálica

em comunidades que, quando descritas, se assemelhavam muito a Esquina Barra Funda. Lendo estes estudos, comecei a perceber que aquele não era um lugar isolado do mundo, que os jeitos e problemas enfrentados ali eram comuns a muitos outros lugares e aparecia a oportunidade de reaproximação com a comunidade, com as pessoas, e a possibilidade de, quem sabe, entender melhor o meu próprio lugar.

Com esse anseio, começo então minhas viagens para lá, agora prazerosas, pois a impressão que tinha era que estava indo para um local novo, desconhecido. À medida que realizava as entrevistas sociolinguísticas, encontrava mesmo uma Esquina Barra Funda que eu não percebia existir ou haver existido. Achava algo totalmente novo, reduzido sim, não com tanta gente como antigamente, mas com pessoas que estão ali e vislumbram a possibilidade de ser este o seu lugar para sempre.

Com os moradores mais antigos, conheci uma Esquina Barra Funda em que havia menos gente ainda, quando não havia água encanada e em que, de acordo com a entrevistada A (70 anos), “fazíamos dez quilômetros de carroça para encher os tambores de água” ou em que, “para ir à escola, devíamos caminhar mais de uma hora, às vezes de pé no chão”; ou, como disse o entrevistado D (51 anos), em que “era difícil ir na escola, pois tinha que caminhar muito e o professor exigia que se falasse português, mesmo daqueles que estavam indo a primeira vez e só falavam alemão<sup>5</sup>”. Descobri também com estes informantes mais antigos que a chegada de seus pais até ali fora complicada. Tiveram que abrir estrada com facões, construir as primeiras casas em parceria (todos se juntavam e construía uma casa por vez). Descobri um sentimento de comunidade muito grande, principalmente entre os filhos e netos de imigrantes alemães (a maioria lá). Escutei a mesma entrevistada A (70 anos) falando que existem ali os alemães e os “alemães russos”.

A partir destas entrevistas, tomei conhecimento também da minha própria história ali, que eu julgava ter começado em 1988, mas que começou bem antes. Sabia que meu vô tinha morado por ali, mas não conhecia as histórias dele como professor da pequena escola do lugarejo. Com alguns entrevistados, que haviam sido alunos dele, fiquei sabendo de brincadeiras que faziam com ele nos dias primeiro de abril, da sua rigidez como professor, das suas habilidades ao tocar violino.

---

<sup>5</sup> Assumiremos aqui o ponto de vista êmico: para os entrevistados, alemão é o termo empregado no cotidiano para designar qualquer falar dialetal. Assim, embora menos adequado tecnicamente, emprega-se “falar alemão” para falar dialetal alemão.

Com os mais novos, tomei conhecimento de uma localidade que agora é atraente e de onde, como disse o entrevistado G, (20 anos) “não existe motivo para sair, dá pra estudar indo de ônibus e voltando no mesmo dia e depois ficar ali mesmo, fazendo a roça produzir” ou “trabalhar em uma cidade do lado e voltar todos os fins de semana”. Ou, como disse a entrevistada E (20 anos), “todo mundo tem celular com internet, mesmo que pegue mal..ou tem internet a rádio...quase todos têm televisão via satélite”.

Percebi que, mesmo que a festa de Kerb tenha diminuído em proporções, ela ainda motiva e movimenta a comunidade toda nos preparativos e na vontade de receber os possíveis visitantes que apareçam para apreciar as danças, brincadeiras e comidas típicas. Junto com isso, fiquei feliz ao saber que, mesmo com o avanço da tecnologia, velhas tradições são ainda importantes: o soar do sino da igreja de manhã e ao final da tarde, ou as diferentes batidas do sino para indicar um falecimento (diferenciando, pelo número e estilo das batidas, a idade do falecido), o fato de toda comunidade comparecer para prestar a última homenagem à pessoa que tenha morrido.

Enfim, neste redescobrir, “conheci verdadeiramente” Esquina Barra Funda, pessoas que eu já conhecia, mas que não havia parado para escutar e entender. Vi, nas pessoas em geral, não só nas entrevistas, mas na conversa com a comunidade, pessoas orgulhosas por serem e por estarem ali, adolescentes que, diferente do meu tempo de adolescência, optaram por ficar, por constituir família e renovar e reformular a comunidade, sem destruir as tradições, mantendo os mesmos divertimentos, como a cancha de bocha, o futebol no campo da escola, a pesca no Rio Uruguai, os encontros da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas, ligado a IECLB, os bailes da terceira idade e as festas tradicionais.

Depois destas impressões, sentimentos, vivências e descobertas, cabe aqui apresentar também a cidade de Novo Machado a partir dos indicadores e do que se conseguir levantar sobre a história oficial da cidade.

#### **4.1.1.2 A comunidade de Esquina Barra Funda conforme dados oficiais**

Conforme dados do IBGE (2010), o município de Novo Machado foi criado pela lei 9555 de 20 de março de 1992 e está localizado no noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como municípios limítrofes Doutor Maurício Cardoso, Tucunduva, Tuparendi,

Porto Mauá e, ainda, possui fronteira fluvial (através do Rio Uruguai) com a comunidade de Colônia Aurora, situada no município de 25 de Mayo, na Argentina.



Figura 10: Noroeste Rio Grande do Sul

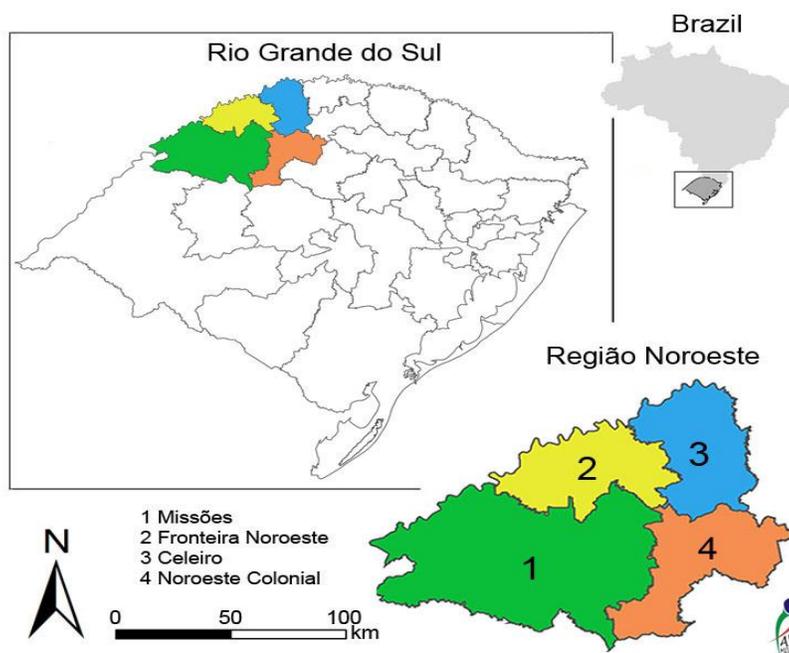


Figura 11: Localização da região noroeste no Rio Grande do Sul  
(<http://avemissoes.blogspot.com.br/p/regiao-das-missoes.html>)

Novo Machado dista 534 quilômetros da capital gaúcha, e a “cidade referência” mais próxima é Santa Rosa, localizada a 54 quilômetros.

A área territorial do município é de 218,699 km<sup>2</sup>, o bioma específico é Mata Atlântica e a população estimada pelo Censo IBGE 2010 é de 3.925 habitantes, divididos em 1.948 homens e 1.977 mulheres. A distribuição por faixa etária e sexo está exposta na figura abaixo:

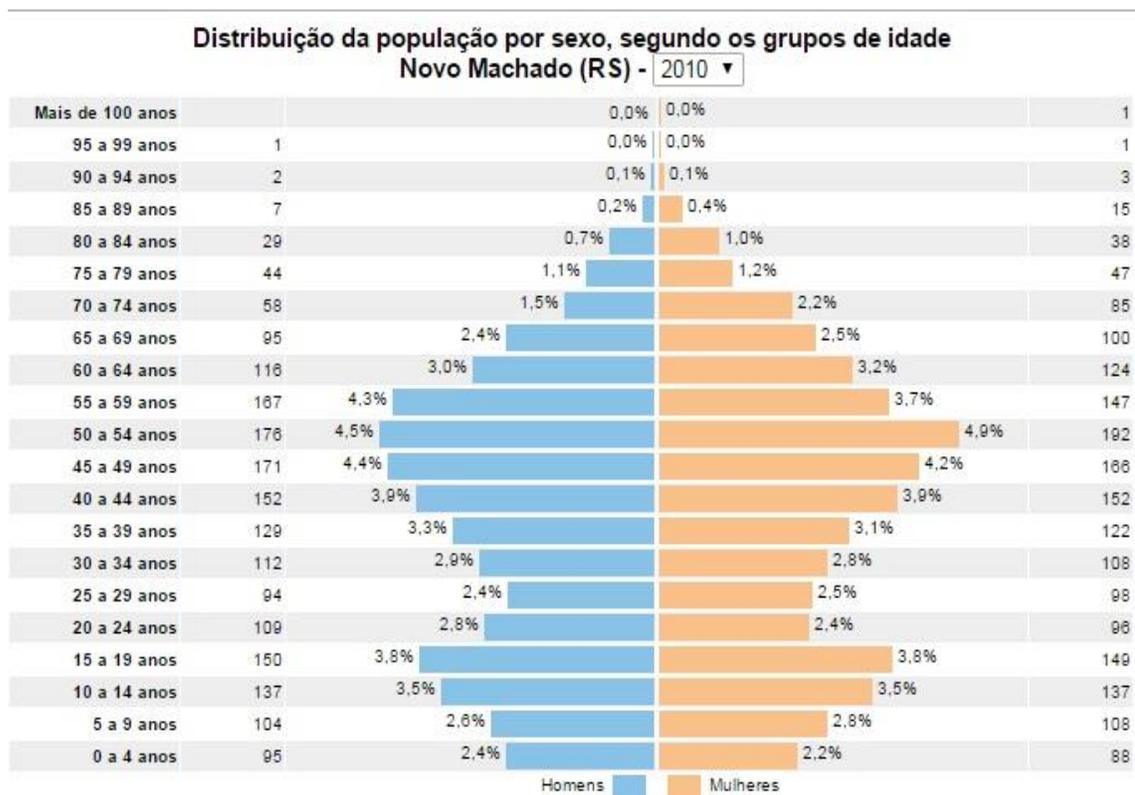


Figura 12: Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade Novo Machado (RS). IBGE (2010). [http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm\\_piramide.php?codigo=431342](http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php?codigo=431342)

Acesso em 17 dez. 2014

A população residente alfabetizada é de 3.460 pessoas e, quanto à crença religiosa, divide-se em 1.343 católicos e 2.499 evangélicos (englobando principalmente a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB).

A fonte principal de renda do município é a atividade rural, tanto a agricultura como a pecuária. Além disso, nas localidades às margens do rio Uruguai existem colônias de pescadores que têm na pesca sua principal fonte de renda.

No que diz respeito ao começo da colonização da então Linha Machado, Busse (2009) descreve a viagem de Gerard Kleinert para Linha Machado da seguinte maneira:

Em 1924, da Alemanha a Santos/SP, [Gerard Kleinert e família] enfrentaram a longa e cansativa viagem de navio precário. Depois de alguns dias de aclimatização na Ilha das Flores, prosseguiram a Porto Alegre em outro navio, onde ficaram 15 dias acampados em barracas do exército na Praça da Alfândega, esperando a confirmação da ida a mais jovem colônia do Estado. A viagem da capital até Santa Maria foi feita de trem Maria Fumaça, que levava um dia... Ali foi necessário fazer baldeação para Cruz Alta e dali a Santo Ângelo, levava-se quase um dia. De Santo Ângelo, com as carretas do governo, até Santa Rosa, andava-se aproximadamente 60 km. Aconselhados, deixaram parte da família, a mãe com os filhos menores no acampamento do governo. De Santa Rosa partiu o pai com os dois filhos mais velhos. Chegando a Tucunduva, aproximadamente 32 km a cavalo, percorridos em um dia, pernoitaram. Seguiram no dia seguinte a pé, levando mais um dia para percorrerem aproximadamente mais 15 km, pelas picadas até o centro de distribuição de terras de Linha Machado (BUSSE, 2009, p. 27).

Quanto ao nome ‘Novo Machado’, não foi possível definir qual a razão para esta denominação. O que se sabe é que, quando os colonizadores chegaram àquelas paragens, elas já se chamavam Linha Machado. Depois, a localidade passou à Povoado Machado, Vila Machado e, por fim, Novo Machado. Através de uma professora residente no município, tomei conhecimento da existência de uma “Autobiografia do Sr. Kelmith Kafka”, que conteria dados dos primeiros imigrantes chegados a Novo Machado, mas não foi possível encontrar essa obra.

Além disso, vale lembrar que a comunidade de Esquina Barra Funda é rural e recente, e a comunidade argentina de Colônia Aurora, que faz divisa com Novo Machado, apresenta grande parte de sua população oriunda de cidades brasileiras, o que faz com que o português seja bastante utilizado nessa região do país vizinho.

## **4.2 Coleta de dados**

### **4.2.1 Observação da comunidade**

Em um primeiro momento, foi observada a comunidade atentando-se para as atividades ali desenvolvidas, fossem elas religiosas, de lazer ou de trabalho. Além disso, foram analisadas as relações de vizinhança e as redes de comunicação entre os moradores.

Durante o mês de maio, sabia-se que os homens estariam envolvidos com o trabalho nas plantações de soja e o tempo que restaria, ocupariam para alguns afazeres em casa e uma ida à cancha de bocha, jogar cartas ou ainda participar de partidas de futebol, ficando as mulheres cuidando das lidas da casa e do pátio (tratar os animais, limpar, cozinhar, cuidar das crianças em alguns casos) e, ao fim do dia, participar de uma ou outra roda de chimarrão com os vizinhos.

Observou-se, então, que os homens disporiam mais facilmente de tempo nos primeiros horários do dia ou à tardinha e, a partir daí, realizou-se o planejamento para as entrevistas.

#### **4.2.2 Seleção dos informantes**

A partir da etapa de observação da comunidade, ocorreu a seleção dos informantes, embasada nos critérios de enculturação total, envolvimento corrente, tempo adequado e informantes não analíticos, critérios estes propostos por Spradley e utilizados por Silva (2009) em seu trabalho.

O primeiro critério nos aponta para a preferência pela entrevista com membros da comunidade que tenham nascido e se criado ali e que não tenham se ausentado por muito tempo. O segundo critério leva em consideração o envolvimento que o indivíduo tem com a comunidade, líderes de instituições, cidadãos que residem ali há mais tempo, etc. O terceiro critério leva em consideração a disponibilidade de tempo dos entrevistados, optando pelos que possuem maior disponibilidade e agendando previamente as datas das entrevistas. Por fim, o quarto critério “refere-se à busca preferencial por informantes não analíticos, o que significa dar preferência para aqueles que respondam às questões de forma mais natural, sem distanciamento com relação a sua própria comunidade.” (SILVA, 2009, p. 55).

#### **4.2.3 Constituição da amostra**

Depois de observada a comunidade e definido o perfil dos possíveis informantes, foi definida a constituição e o número de informantes da amostra. Para tanto:

O método mais comum em estudos de variação linguística para tal fim é o aleatório estratificado. De acordo com esse procedimento, deve-se dividir a população de interesse em várias unidades compostas, cada uma delas, de indivíduos com as mesmas características sociais (Oliveira e Silva, 1992, p. 104).

Essas unidades são conhecidas como células e devem ser preenchidas de forma aleatória, o que significa dizer que cada membro da comunidade de interesse tem a mesma chance de ser escolhido para fazer parte da pesquisa. (BRESCANCINI, 2002, p17)

Para definirmos o número de indivíduos que fariam parte da amostra, alguns fatores foram levados em consideração, como os indicados por Silva (2009, p. 119-120). A saber: a) todos os moradores devem ter acesso à língua, mas ela deve ser heterogênea suficientemente para que se estudem diferenças entre classes sociais, faixas etárias, sexo, etc; b) número de variáveis pesquisadas (quanto mais variáveis a serem analisadas, mais informantes serão necessários; c) o fenômeno: se recorrente e variável o fenômeno a amostra não necessitará ser muito ampla; d) o método: se maior a precisão do método a amostra poderá ser reduzida até certo ponto, no nosso caso utilizamos os programas de análise estatística GoldVarb X e Rbrul, para um exercício comparativo da convergência dos resultados dos programas; e) condições materiais e logísticas: como se tratava de uma comunidade distante mais de 500 quilômetros de Porto Alegre, foi preciso levar em consideração os gastos com viagens, o tempo necessário para ficar na comunidade e o tempo disponível para a codificação dos dados.

Levando estas variáveis em conta e utilizando o modelo aleatório estratificado, transformamos as características sociais (sexo, escolaridade e idade) em variáveis, multiplicamos seus fatores e assim temos a quantidade de células a serem preenchidas. Temos: sexo (dois fatores: masculino e feminino); escolaridade (três fatores: até 04 anos, de 04 a 08 anos e mais de 08 anos de escolaridade); idade (três fatores: 15 a 35 anos, 36 a 57 anos e 58 anos ou mais). Fazendo o cálculo  $2 \times 3 \times 3$ , temos dezoito células.

<b>Célula 01</b>	<b>Célula 02</b>	<b>Célula 03</b>	<b>Célula 04</b>
Sexo Feminino 15 a 35 anos Até 04 anos de escolaridade	Sexo Feminino 36 a 57 anos Até 04 anos de escolaridade	Sexo Feminino Mais de 58 anos Até 04 anos de escolaridade	Sexo Masculino 15 a 35 anos Até 04 anos de escolaridade
<b>Célula 05</b>	<b>Célula 06</b>	<b>Célula 07</b>	<b>Célula 08</b>
Sexo Masculino 36 a 57 anos Até 04 anos de escolaridade	Sexo Masculino Mais de 58 anos Até 04 anos de escolaridade	Sexo Feminino 15 a 35 anos De 04 a 08 anos de escolaridade	Sexo Feminino 36 a 57 anos De 04 a 08 anos de escolaridade
<b>Célula 09</b>	<b>Célula 10</b>	<b>Célula 11</b>	<b>Célula 12</b>
Sexo Feminino Mais de 58 anos De 04 a 08 anos de escolaridade	Sexo Masculino 15 a 35 anos De 04 a 08 anos de escolaridade	Sexo Masculino 36 a 57 anos De 04 a 08 anos de escolaridade	Sexo Masculino Mais de 58 anos De 04 a 08 anos de escolaridade
<b>Célula 13</b>	<b>Célula 14</b>	<b>Célula 15</b>	<b>Célula 16</b>
Sexo Feminino 15 a 35 anos Mais de 08 anos de escolaridade	Sexo Feminino 36 a 57 anos Mais de 08 anos de escolaridade	Sexo Feminino Mais de 58 anos Mais de 08 anos de escolaridade	Sexo Masculino 15 a 35 anos Mais de 08 anos de escolaridade
<b>Célula 17</b>	<b>Célula 18</b>		
Sexo Masculino 36 a 57 anos Mais de 08 anos de escolaridade	Sexo Masculino Mais de 58 anos Mais de 08 anos de escolaridade		

Quadro 01: Quadro de células preenchidas com entrevistas

#### 4.2.4 Entrevistas

De acordo com Labov, “o objetivo da pesquisa sociolinguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (2008, p. 244), o que traz à tona a questão do paradoxo do observador e a busca por uma maneira de coletar os dados que minimize este paradoxo.

O próprio Labov (2008) nos diz que uma das maneiras de fazer o vernáculo emergir de forma mais casual é fazendo perguntas que tratem de momentos de forte emoção vividos pelos entrevistados.

Para tal, Lara (2013) e Silva (2009) nos fornecem uma ficha social (cf. Anexo A) e um roteiro de entrevistas (cf. anexo B), baseado em Spradley, que foi a nossa base para a realização das entrevistas pessoais. Este roteiro possui questões descritivas de caráter geral (*Como é a vida aqui na comunidade?*), que visam a despertar percepções sobre a comunidade (*O que mais gosta na comunidade?*), a vida na infância (*Quais brincadeiras fazia na infância?*), os anos de escola (*Como foi frequentar a escola?*). Além destas questões, também existem questões de contraste, que buscam uma resposta sobre situações ou temporalidades e, finalmente, “questões do tipo “Grand-Tour”, com a descrição de algum momento ou objeto, e do tipo “Mini-Tour”, buscando tratar de alguma situação particular (*Qual o momento mais difícil que passou na vida?*).” (SILVA, 2009, p. 58).

As entrevistas foram realizadas, principalmente, ao longo do ano de 2014, sendo que duas foram realizadas ainda no ano de 2013. Geralmente, em um dia, foi procurado o possível entrevistado para explicar e contextualizar o trabalho e, com a sua aprovação, marcado um dia para a entrevista, sempre com a indicação de ser em local mais afastado possível de formas de ruído e individualmente. Em um caso, o entrevistado aceitou conceder a entrevista, mas preferiu não estar sozinho.

As entrevistas tiveram em torno de uma hora, gravadas com gravador digital com som de *output* no formato .mp3. Para a transcrição e codificação dos dados, foram recortados, de cada entrevista, um tempo entre 25 e 30 minutos, sempre descartando os 5 minutos iniciais.

Os entrevistados, em sua maioria, se mostraram bastante confortáveis com o fato de estarem sendo gravados, quem sabe pela proximidade com o entrevistador, que já os conhecia anteriormente. Entre os 18 entrevistados, tínhamos professores, trabalhadores rurais e donos de estabelecimentos comerciais. Alguns destes indivíduos entendiam e falavam alemão no dia a dia, outros entendiam, mas acabavam não utilizando, ou utilizando raramente. Um informante compreendia italiano e alemão, mas também dificilmente utilizava. A língua espanhola é compreendida e utilizada por todos, uns mais constantemente, outros menos, Porém, não foi condição para seleção dos entrevistados ser

bilíngue, pois a pesquisa considerou o português resultante do contato, principalmente com o alemão, bastante intenso no passado, mas não tão constante no presente.

Fato recorrente que cabe ressaltar foi uma frase repetida por muitos dos informantes, quando agradecidos pela participação e dispensa de tempo para a realização da pesquisa. Todos diziam que tinha sido bom ajudar, mas que não sabiam se a entrevista teria ficado boa. Todos demonstravam preocupação com o conteúdo das respostas, se tinham sido claros nas histórias que haviam contado ou se precisariam reformular alguma resposta.

#### 4.2.5 Variáveis

Trataremos aqui das variáveis levando em consideração a Teoria da Variação (LABOV, 1972), e as entenderemos como sendo grupos de fatores que podem condicionar um fenômeno variável. Tais fatores podem ser sociais ou linguísticos. Já as variantes são “as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável” (MOLLICA, 2013 p.10). Em nosso estudo, as variantes são [e] e [i] para /e/, e [o] e [u] para /u/.

Inicialmente, tínhamos as seguintes variáveis e respectivos fatores:

- a) Contexto precedente: vogal (estágio, espécie), coronal [-ant] (*peixe, macho*) dorsal (*consegue, domingo*), [s] [z] (*tosse, osso, onze, zonzo*), labial (*tipo, clube, fumo, nove*) coronal [+ant] (*dente, ponto*) e [R] (*espero, espere*).
- b) Contexto seguinte: vogal (*grande empresa, muito extenso*), coronal [-ant] (*ponte cheia, muito chato, hoje já, outro jeito*) dorsal (*sempre correndo, muito caro) labial (*fosse mais, veio muito) e coronal [+ant] (*quente demais, muito trabalho*)**
- c) Localização da tônica: no tema (*sempre, logo*) e no sufixo (*cantasse, menininho*)
- d) Contexto da tônica: vogal alta na tônica (*menino, seguinte*) e sem vogal alta na tônica (*enchente, sábado*)
- e) Tipo de sílaba: sem coda (*gente, carro*), apagamento (*os cheque, nós fomo*) [l] (*móvel, solúvel*), [r] (*caráter, revólver*) e [s] (*pires, fomos*)
- f) Sexo: masculino e feminino

- g) Idade: 15 a 35 anos, 36 a 57 anos e Mais de 57 anos
- h) Escolaridade: até 4 anos, de 4 a 8 anos e mais de 8 anos de escolaridade

À medida que acabávamos a codificação dos dados e íamos realizando rodadas-teste, acrescentando um informante por vez, percebemos que havia poucos contextos com coda. Resolvemos excluir essa variável e transformar o trabalho em análise das vogais médias átonas finais absolutas, sem nenhuma coda.

Quanto à variável localização da tônica, resolvemos recodificar e transformar essa variável em ‘posição do acento’, com os fatores na penúltima e antepenúltima sílaba. Desta forma, segue abaixo a descrição das variáveis controladas quando tínhamos já todos os dados dos informantes codificados.

#### **4.2.5.1 Variável dependente**

Fizemos rodadas com os dados de /e/ e /o/ juntos e rodadas separadas, com dados apenas de /e/ e apenas de /o/. Assim, para a análise de todos os dados juntos, a variável dependente é a elevação das vogais médias em sílaba átona final absoluta, isto é, a realização de /e/ como [i] e de /o/ como [ɨ], alternando com [e] e [o], respectivamente, em sílabas finais átonas e sem coda. Exemplo, *ciad[e]~ciad[i]*, *nov[o]~nov[ɨ]*. Definimos, então, o fator de aplicação como sendo a elevação das vogais médias nessa posição.

Na rodada com dados apenas de /e/, a variável dependente é a elevação da vogal média /e/ em posição átona final absoluta, alternando-se [i] com [e]. Na rodada com dados apenas de /o/, a variável dependente é a elevação da vogal média /o/ em posição átona final absoluta, alternando-se [ɨ] com [o].

#### **4.2.5.2 Variáveis independentes linguísticas**

De acordo com os estudos de Silva (2009), Vieira (2002, 2009, 2010), e Carniato (2000), as variáveis independentes linguísticas que poderiam exercer papel importante na realização variável de /e/ e /o/ em posição átona final absoluta e que foram controladas na pesquisa são:

<b>Contexto Precedente</b>	<b>Contexto seguinte</b>	<b>Contexto vocálico da sílaba tônica</b>	<b>Acento</b>
Labial ( <i>sobe</i> , <i>tombo</i> )	Labial ( <i>fosse mais</i> , <i>veio muito</i> )	Com vogal alta ( <i>vinte</i> , <i>único</i> )	Antepenúltima sílaba ( <i>ótimo</i> , <i>árvore</i> )
Coronal [-ant] ( <i>peixe</i> , <i>macho</i> )	Coronal [+ant] ( <i>quente demais</i> , <i>carro trancado</i> )	Sem vogal alta ( <i>série</i> , <i>macho</i> )	Penúltima sílaba ( <i>sempre</i> , <i>carro</i> )
Coronal [+ant] ( <i>dente</i> , <i>ponto</i> )	Consoantes posteriores ( <i>ponte</i> <i>cheia</i> , <i>muito chato</i> , <i>sempre correndo</i> , <i>muito quente</i> )		
Vogal ( <i>colégio</i> , <i>espécie</i> )	Vogal ( <i>grande</i> <i>empresa</i> , <i>muito</i> <i>extenso</i> )		
S/Z ( <i>tosse</i> , <i>osso</i> , <i>onze</i> , <i>zonzó</i> )			
Dorsal ( <i>consegue</i> , <i>leque</i> , <i>fico</i> , <i>domingo</i> )			

Quadro 02- Variáveis independentes linguísticas

Nossa hipótese foi a de que os fatores que favoreceriam a elevação das médias finais absolutas seriam: dorsal, coronal [-ant], labial e segmentos S/Z no contexto precedente, além dos fatores vogal e dorsal (amalgamado aqui com o fator coronal [-ant]) no contexto seguinte, e também a presença de vogal alta na sílaba tônica.

Além dessas variáveis, nas rodadas em que reunimos os dados de /e/ e de /o/, consideramos a variável qualidade da vogal-alvo, com os fatores /e/ e /o/.

#### 4.2.5.2.1 Contexto precedente

Esta variável visou a analisar se fonemas que precedem a vogal média átona final exercem influência na elevação, e quais fonemas seriam esses. Para tanto, controlamos os fatores labial (*tombo/lambe*), coronal [-ant] (*sujo/hoje*), coronal [+ant] (*adulto/diferente*), vogal (*colégio*), S/Z (*serviço, catorze*) e dorsal (*pêssego/sangue*). Cabe ressaltar que a variável contexto precedente mostrou relevância em diversos estudos, como por exemplo em Vieira (1994, 2002), Roveda (1998) e Carniato (2000), além de Schmitt (1987). Nossa hipótese é a de que a elevação das médias finais absolutas será efeito dos fatores dorsal, coronal [-ant] e labial.

#### 4.2.5.2.2 Contexto Seguinte

O controle desta variável visou a analisar se o contexto fonológico seguinte tem efeito na elevação. Para tanto, controlamos os fatores: labial (*quando pode/sempe pode*), coronal [+ant] (*leio de/vive de*), consoantes posteriores (resultantes do amálgama de dorsal e coronal [-ant] depois da primeira rodada de análise estatística – *ano já/olho claro/costume já/sempe caro*) e vogal (*fico aqui/esteve aqui*). Assim como no contexto precedente, os trabalhos de Vieira (2002), Roveda (1998) e Carniato (2000) nos indicaram a importância do controle desta variável e sugeriram a hipótese de que dorsal, vogal e coronal [-ant] favoreçam a elevação.

#### 4.2.5.2.3 Contexto vocálico da sílaba tônica

A partir dos estudos de Vieira (1994, 2002) que nos apontam que a presença de vogal alta na sílaba tônica exerce influência na elevação vocálica, resolvemos controlar este fator. Como exemplo de contexto, temos: com vogal alta (*vizinho*), sem vogal alta (*comunidade*)

#### 4.2.5.2.4 Posição do acento

Analisando a posição do acento, buscamos entender se existe favorecimento da elevação quando este se localiza na penúltima ou na antepenúltima sílaba (*importante/comunicado/penúltimo/árvore*).

#### 4.2.5.3 Variáveis independentes sociais

As variáveis independentes sociais controladas foram:

<b>Sexo</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Idade</b>
Masculino	Até 04 anos	15 a 35 anos
Feminino	04 a 08 anos	36 a 57 anos
	Mais de 08 anos	58 anos ou mais

Quadro 03 – Variáveis independentes sociais

##### 4.2.5.3.1 Sexo

Na variável sexo, controlamos os fatores masculino e feminino. Esperamos que exista um favorecimento à elevação por parte das mulheres, visto que, de acordo com Labov (1972 p. 281), seriam as mulheres que liderariam a mudança, por, diferentemente dos homens, serem elas mais sensíveis à mudança e utilizarem menos as formas estigmatizadas. Considerando que a forma elevada possa ser, na comunidade, a variante de prestígio, é importante que controlemos esta variável, pois, como nos mostra Paiva (2013, p. 30), não se pode ignorar que sexo/gênero estejam associadas ao processo de variação e exerçam influência principalmente quando se trata de variantes que contraponham norma padrão e norma não padrão.

##### 4.2.5.3.2 Escolaridade

No que diz respeito à variável escolaridade, controlamos três fatores: até 04 anos de estudo, de 04 a 08 anos de estudo e mais de 08 anos de escolaridade. Esperamos que, quanto mais anos de estudo os indivíduos tiverem, mais eles se distanciem da língua usada cotidianamente e optem pela forma de prestígio, que, no nosso caso, será a elevação das

vogais médias átonas em posição final absoluta. De acordo com Votre (2013, p.50), a escola, por ser veículo de contato com a literatura nacional e padrões da norma culta, será favorecedora da difusão e preservação das formas de prestígio, influenciando a forma de falar e escrever dos seus frequentadores.

#### 4.2.5.3.3 Idade

Por fim, a variável idade também deverá ser controlada, pois se sabe que a regra de elevação tem caráter variável, e em uma comunidade do interior, como Esquina Barra Funda, pode ser mais expandida pelos jovens, pois estes possuem mais contato com outras cidades do Rio Grande do Sul onde a elevação apresenta índices maiores. De acordo com Labov (1972), a variável idade estará ligada diretamente também ao *status*, pois

[...]os membros mais velhos da classe média alta tenderiam a conservar suas formas de prestígio... enquanto os membros mais jovens exibiriam a adoção da forma de prestígio mais nova. Quando consideramos o grupo de *status* imediatamente inferior, em geral a classe média baixa, prevalece a situação inversa. (LABOV, 1972, p. 164).

#### 4.2.5.4 Codificação dos dados

Definidas as variáveis e realizadas as entrevistas, passa-se à etapa de codificação dos dados, etapa essa que, neste estudo, demandou bastante tempo. Como utilizamos dois programas para a análise estatística, GoldVarb X e Rbrul, e sabendo que o primeiro programa lê apenas arquivos com a extensão .tkn, ou seja, arquivos de *tokens*<sup>6</sup>, e o segundo, apesar de ter seu formato de entrada com a extensão .csv, também lê arquivos de *tokens*, optamos por codificar os dados e salvá-los em um arquivo no formato .tkn. Elaboramos, então, um sistema de codificação onde cada fator que faz parte das variáveis recebe um símbolo diferente. Para exemplificar como ficaram as ocorrências codificadas (ou *tokens*), usaremos o exemplo que segue e apresentaremos o quadro completo com os códigos no Anexo C.

---

<sup>6</sup> Cada ocorrência codificada e colocada no arquivo de dados submetido à análise estatística ou quantitativa representa um *token*.

Ocorrência	Codificação
Pêsseg[u]	1gdklx2@oA

Quadro 04 - Exemplo de codificação de dados.

O primeiro símbolo indica a variável dependente, identificando a elevação ou não elevação. No nosso caso, o símbolo **1** indica elevação da vogal média átona final. A seguir, teremos a codificação das variáveis independentes linguísticas e sociais. A saber: **g** indica que, no contexto precedente, temos uma consoante dorsal; **d** indica que, no contexto seguinte, temos uma consoante dorsal; **k** indica que o acento cai na antepenúltima sílaba; **l** indica que não existe vogal alta na sílaba tônica; **x** indica o sexo feminino; **2** indica que a idade do entrevistado está entre 15 e 35 anos; **@** indica que o informante tem até 04 anos de estudo; **o** indica a qualidade do fonema vocálico (se é /o/ ou /e/) e **A** indica qual é o informante.

Após a codificação, os dados foram submetidos, como já mencionamos, à análise estatística com os programas Rbrul e GoldVarb X, que apresentaremos na seção abaixo.

#### 4.2.5.5 Instrumentos estatísticos

Cabe introduzir esta seção com uma citação de Naro (2013) sobre os pressupostos básicos do estudo da variação:

[...]o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras. Em outras palavras, tal como existem condições ou regras que obrigam o falante a usar certas formas (*a casa*) e não outras (*\*casa a*), também existem condições ou regras mutáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos o uso de uma ou outra das formas em cada contexto (NARO, 2010, p. 45)

Sabendo que a regra afeta duas vogais médias distintas e que existem condições com pesos diferentes para contextos diferentes, nos utilizamos dos programas de análise estatística para calcular, justamente, o peso dos fatores na aplicação da regra variável.

Geralmente, utiliza-se apenas um programa para a realização da análise estatística em estudos sociolinguísticos de regra variável. Como afirmamos antes, para fins de comparação de resultados e conhecimento da utilização de mais de um programa, e sabendo que, com a codificação feita, poderíamos rodar o arquivo de dados no GoldVarb X e no Rbrul, optamos pela realização das análises em ambos. No relato dos resultados, usaremos os do GoldVarb, já que foram coincidentes nos dois programas.

Depois da codificação dos dados no GoldVarb X, procedeu-se à conferência dos dados, ou seja, através do programa, acertou-se algum erro de digitação nos dados, para que o programa conseguisse ler e interpretar corretamente cada um dos contextos gerados. Após esse passo, o programa criou o arquivo de condições (.cnd). É através dele que nos movimentamos para realizar as análises e possíveis amálgamas ou exclusões nos dados.

A partir deste momento, se fazem *crosstabs*, *CROSS TABULATIONS*, ou cruzamentos entre as variáveis, onde podemos observar as relações de dependência entre estas variáveis.

Passo seguinte na análise estatística é a análise *UNIDIMENSIONAL*, que traz as porcentagens de aplicação das regras para cada fator. Por fim, procede-se à realização da análise *MULTIDIMENSIONAL*, que leva em conta a realização da variável dependente em relação às demais variáveis, apresentando os resultados para cada fator controlado na pesquisa. Esta análise multidimensional ocorre em *LEVELS* (níveis), a partir do *STEP UP* e *STEP DOWN*, onde o programa seleciona fatores relevantes para a aplicação da regra através do *INPUT*, ou seja, da probabilidade da realização da regra com cada fator presente na análise a partir de um ponto 0, ou seja, um ponto neutro. Em cada etapa, o programa apresenta o cálculo do valor de *PESO RELATIVO* (número em um intervalo entre 0,00 e 1,00, onde 0,50 é o ponto neutro), que é a possibilidade da aplicação da regra. Se o resultado for acima do ponto neutro, consideramos que o fator favorece a aplicação, enquanto se o resultado for abaixo do ponto neutro, consideramos que desfavorece a aplicação da regra. No GoldVarb X, estes resultados aparecem na janela de resultados (.res).

No programa Rbrul, como utilizamos o arquivo .tkn para analisar os dados, devemos como primeiro passo rotular as nossas variáveis, ou seja, identificá-las na janela do programa. Como passo seguinte, podemos conferir os dados utilizando o menu ADJUST DATA > RECODE. Neste menu também se realizam os amálgamas e exclusões.

A continuação da análise será semelhante à utilizada pelo GoldVarb X: devemos realizar os CROSSTABS, e as análises uni e multidimensional, tudo acessado pelo menu MODELING. O Rbrul trabalha com uma janela única, ou seja, todas as modificações e resultados aparecem na mesma página, que também apresenta valores de *input* e peso relativo, além de valores de desvio padrão.

Cabe ressaltar que, diferente do GoldVarb X, o programa Rbrul consegue rodar as análises mesmo se os dados apresentarem KNOCKOUT (aplicação categórica - 100% - da regra, ou não aplicação total - 0%).

Com estes procedimentos, cabe ao linguista analisar e descobrir os fatores relevantes para a aplicação da regra.

## 5 RESULTADOS

Neste capítulo, apresentaremos os resultados da análise dos dados, com os fatores selecionados como relevantes pelos programas de análise quantitativa.

Inicialmente, foi realizada uma rodada de análise das vogais átonas finais /e/ e /o/ juntas. Na sequência, realizamos rodadas separadas para /e/ e para /o/. Teremos na seção 5.1 a apresentação da análise geral de elevação de /e/ e /o/; na seção 5.2, a apresentação das variáveis selecionadas para as duas vogais; na seção 5.3, as variáveis e discussão para a vogal /o/; na seção 5.4, os resultados para /e/; e, na seção 5.5, os cruzamentos entre idade e escolaridade.

Antes de apresentarmos os resultados, precisamos esclarecer as modificações feitas nos grupos de fatores depois da primeira rodada.

Tínhamos, em um primeiro momento, a variável contexto precedente com os seguintes fatores: coronal [-ant], coronal [+ant], vogal, dorsal, S/Z, [R] e labial. Dentro dessa variável, amalgamamos o fator [R] com o fator coronal [+ant], uma vez que o primeiro fator apresentou poucos dados. No contexto seguinte, inicialmente controlaríamos os fatores coronal [-ant], coronal [+ant], dorsal, vogal e labial. Como coronal [-ant] apresentou poucos dados, amalgamamos com dorsal e chamamos o fator de consoantes posteriores. Por fim, também tínhamos, na ideia inicial, o afã de controlar a variável localização da postônica com os fatores ‘tema’ e ‘sufixo’. Esta variável acabou sendo recodificada para posição do acento, visto que os contextos em que a postônica caía no sufixo foram insuficientes para realização de uma análise confiável.

### 5.1 Análise geral de elevação de /e/ e /o/

Na rodada com os dados de /e/ e /o/ juntos, pode-se obter a proporção total de elevação das vogais médias em sílaba átona final absoluta. Foram 11363 os contextos considerados na análise, dos quais apenas 1022, ou 9%, foram elevados.

Os contextos com /o/ em posição átona final foram mais frequentes, pois, dos 11363 dados analisados, 7955 foram de /o/, enquanto apenas 3408 foram de /e/.

## 5.2 Variáveis selecionadas para /e/ e /o/

Na análise das duas vogais juntas, o programa selecionou quatro variáveis linguísticas e duas extralinguísticas como relevantes para a aplicação da regra variável. São as que seguem:

- Qualidade da vogal-alvo
- Contexto precedente
- Contexto seguinte
- Vogal alta na sílaba tônica
- Idade
- Escolaridade

Nas próximas seções, apresentaremos as tabelas para cada uma destas variáveis, com os índices obtidos para cada fator considerado.

### 5.2.1 Qualidade da vogal-alvo

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Qualidade da vogal-alvo	/o/	11,1	0,578	880/7955
	/e/	4,2	0,324	142/3408
Total		9,0		1022/11363
Input:0,083			Significância:0,000	

Tabela 01: Taxa de elevação total das vogais médias átonas em posição final

Como podemos verificar na Tabela 01, a comunidade de Esquina Barra Funda mostra um alto índice de preservação da vogal média, ocorrendo a elevação em apenas 9,0% dos casos, ou seja, em 1022 dados de um total de 11363. Nota-se, também, que contextos terminados em /o/ são condicionadores da aplicação da regra de elevação, pois o fator /o/ aparece com um peso relativo de 0,578 (acima do ponto neutro) e 11,1 % de realização, enquanto o peso relativo para o fator /e/ é de 0,324, não favorece a elevação e apresenta uma proporção 0,324 de aplicação da regra. Tal resultado vai ao encontro do que verificaram Schmitt (1987), Carniato (2000), Mallmann (2001), Vieira (1994, 2002) e

Mileski (2013), que observaram em comunidades de fronteira ou com colonização italiana e alemã a tendência à conservação das vogais médias, principalmente nos contextos de /e/.

### 5.2.2 Contexto precedente

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Contexto Precedente	Dorsal	19,1	0,644	135/708
	Coronal [-ant]	10,1	0,639	191/1149
	Labial	10,3	0,583	119/1158
	Coronal [+ant]	7,3	0,439	493/6789
	S/Z (serviço,	5,6	0,366	71/1119
	Vogal	4,5	0,33	13/289
Total		9,0		1022/11363
Input:0,084			Significância:0,000	

Tabela 02: Elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta: contexto precedente

No contexto precedente, os fatores dorsal, coronal [-ant] e labial se mostraram favorecedores da aplicação da regra de elevação, apresentando, respectivamente, pesos relativos de 0,644, 0,639 e 0,583, enquanto os fatores coronal [+ant], S/Z e vogal se mostraram desfavorecedores, com pesos abaixo do ponto neutro, respectivamente 0,439, 0,366 e 0,33.

Esses resultados confirmam, em parte, o que verificaram Mileski (2013) e Silva (2009). Para Mileski, quando analisada a vogal /o/, coronal [-ant] se mostrou favorecedor, e dorsal obteve um peso relativo de 0,52, ficando próximo do ponto neutro. Já para a vogal /e/ dorsal, vogal alta, segmento /s, z/ e labial foram os fatores favorecedores, com peso relativo, respectivamente de 0,79, 0,69, 0,66 e 0,55. Para Silva, no contexto precedente os fatores que exerceram influência foram dorsal e segmentos [s, z, ʃ, ʒ, dʒ, tʃ] para /e/, e coronal [+ant] para /o/. Podemos notar que, no trabalho das duas autoras, o fator dorsal aparece nos resultados para ambas as vogais, assim como no nosso trabalho. Também vale assinalar que segmentos /s, z/, que neste trabalho não favorecem a elevação, foram fatores favorecedores para as análises feitas em Vista Alegre do Prata e Rincão Vermelho. O fator

labial aparece, para Schmitt, (1987), como favorecedor na comunidade alemã, enquanto para Roveda (1998) labiais, palatais e dorsais são favorecedores no contexto precedente.

### 5.2.3 Contexto seguinte

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Contexto Seguinte	Consoantes posteriores	11,1	0,565	142/1285
	Labial	10,8	0,531	217/2016
	Vogal	10,0	0,493	398/3992
	Coronal [+ant]	6,5	0,411	265/4070
Total		9,0		1022/11363
Input:0,088			Significância:0,000	

Tabela 03: Elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta: contexto seguinte

No contexto seguinte, os fatores que ficaram acima do ponto neutro foram consoantes posteriores (resultado do amálgama entre dorsal e coronal[-ant]) e labial, com pesos de 0,565 e 0,531. Já os fatores vogal, com peso de 0,493, e coronal [+ant], com peso de 0,411, não favorecem a elevação. Este resultado difere do resultado de Silva (2009) que verificou, no contexto seguinte, para ambas as vogais, o fator vogal como sendo favorecedor, porém se aproxima do resultado obtido por Mileski (2013), que apresenta o fator dorsal como mais favorecedor para /o/, lembrando que o fator consoantes posteriores, no presente trabalho, resultou do amálgama dos fatores dorsal e coronal [-ant].

### 5.2.4 Vogal alta na sílaba tônica

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Vogal alta na sílaba tônica	Com vogal alta	15,0	0,616	584/3897
	Sem vogal alta	5,9	0,384	438/7466
Total		9,0		1022/11363
Input:0,082			Significância:0,000	

Tabela 04: Elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta: presença de vogal alta na sílaba tônica

Nosso resultado mostra um peso relativo de 0,616 para contextos com vogal alta na sílaba tônica (contra 0,384 em contextos sem vogal alta), considerado favorecedor para os resultados de /e/ e /o/ juntos.

Vieira (1994, 2002) mostra que a presença de vogal alta na sílaba tônica da palavra influencia a aplicação da regra de elevação, principalmente nas regiões com baixa aplicação de elevação para /e/. Também Silva (2009) obtém resultados em que a presença de vogal alta exerce forte influência, com peso relativo de 0,93 para contextos com /e/. Mileski (2013) verificou peso relativo de 0,57 para contextos com /o/ e vogal alta na sílaba tônica.

Para explicar este favorecimento, podemos, como Vieira (2002), considerar a hipótese da assimilação progressiva da postônica. Como diz Silva (2009), "...a vogal alta da sílaba seguinte de uma palavra empresta, variavelmente, sua articulação alta à vogal média da sílaba imediatamente precedente..." (SILVA, 2009, p.97).

### 5.2.5 Idade

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Idade	36 – 57 anos	10,5	0,539	406/3456
	15 – 35 anos	9,9	0,533	358/3615
	Mais de 58 anos	6,6	0,428	258/3886
Total		9,0		1022/11363
Input:0,088			Significância:0,000	

Tabela 05: Elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta: idade

Em relação à variável idade, obtivemos um resultado que nos surpreendeu, pois tínhamos a hipótese de que os informantes da faixa mais jovem seriam os que mais elevariam as vogais; porém, considerando-se os pesos relativos, foram os indivíduos da faixa intermediária que aplicaram mais a regra variável, na proporção de 10,5% e peso relativo de 0,539 (ficando porém perto do ponto neutro). Esse resultado vai de encontro aos obtidos por Roveda (1998), Carniato (2000), Mallmann (2001), que mostram que os mais jovens favorecem a elevação. Entretanto, este resultado está de acordo com o verificado por Mileski (2013) em Vista Alegre do Prata, que registrou não-favorecimento nos informantes entre 15 e 35 anos.

Comparando-se os índices dos três grupos etários por nós considerados, percebe-se uma aproximação dos informantes de 15-35 aos de 36 a 57 anos, contrastando com os informantes de 58 ou mais anos. Isso talvez seja indício de estabilização do processo no sistema da comunidade.

### 5.2.6 Escolaridade

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Escolaridade	De 04 a 08 anos	9,7	0,524	426/4401
	Até 04 anos	9,7	0,522	361/3720
	Mais de 08 anos	7,2	0,454	235/3242
Total		9,0		1022/11363
Input:0,089			Significância:0,000	

Tabela 06: Elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta: escolaridade

Aqui, também encontramos um resultado surpreendente, pois, de acordo com os estudos revisados sobre elevação, a indicação era a de que, quanto mais anos de estudo o informante apresentava, maior era sua proporção de elevação. Nosso resultado indicou que, em Esquina Barra Funda, o fator mais de 08 anos de estudo é o mais conservador, ficando com um peso relativo de 0,454, contra fatores favorecedores de 0,522 para os informantes com até 04 anos de estudo, e de 0,524 para os informantes com escolaridade entre 04 e 08 anos.

Algumas hipóteses podem ser levantadas aqui, com base na análise dos informantes que apresentam mais anos de escolaridade. A maioria dos entrevistados que estudaram mais nunca estiveram, “em realidade”, afastados da comunidade. Os informantes com idade acima de 58 anos saíram para estudar, geralmente alguma licenciatura ou administração em instituições de Santa Rosa ou cidades próximas, e, após sua formação, voltaram para a comunidade. Os da faixa intermediária, muitas vezes, haviam parado os estudos em determinado ponto e recomeçado já depois de certa idade, também em locais próximos, e os mais novos, como escrito nas impressões sobre a comunidade em geral, estudam em cidades próximas, mas vão e voltam com o transporte escolar no mesmo dia. Poderíamos aventar que este contato quase que ininterrupto com a comunidade ajude a conservar as vogais médias em posição átona final absoluta e explique, também, o comportamento conservador do grupo etário mais jovem verificado no controle da variável idade, como vimos na seção anterior.

### 5.3 Análise de /o/

A seguir, apresentamos os resultados da análise com dados de /o/, apenas. Assim como na análise das duas vogais juntas, o programa selecionou variáveis linguísticas e extralinguísticas. São elas:

- Contexto precedente
- Contexto seguinte
- Vogal alta na sílaba tônica
- Idade
- Escolaridade

#### 5.3.1 Contexto precedente

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Contexto Precedente	Labial	11,3	0,622	117/1036
	Dorsal	17,8	0,618	114//642
	Coronal [-ant]	15,6	0,567	125/802
	Coronal [+ant]	10,2	0,481	456/4473
	S/Z (serviço, Vogal	7,7	0,381	55/660
		4,5	0,335	13/287
Total		11,1		880/7955
Input:0,083			Significância:0,000	

Tabela 07: Elevação da vogal /o/ em posição átona final absoluta: contexto precedente

Para a vogal /o/, os fatores favorecedores no contexto precedente foram labial (0,622), dorsal (0,618) e coronal [-ant] (0,567), semelhantes aos resultados obtidos por Silva (2009): [...] o fator dorsal amalgamado com coronal [-anterior] apresenta o maior peso relativo, 0,67, figurando como altamente favorável ao alçamento das vogais médias /e/ e /o/ não finais. Mostraram-se também favoráveis à elevação, com peso relativo de 0,60, as labiais.” (SILVA, 2009, p. 139). Também o trabalho de Mileski (2013) traz o fator coronal [-ant] como favorecedor (peso relativo de 0,76), porém, no referido estudo, o fator labial aparece como não favorecedor, com peso relativo de 0,42.

### 5.3.2 Contexto seguinte

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Contexto Seguinte	Consoantes posteriores (Coronal [-ant] + Dorsal)	15,3	0,596	127/702
	Labial	13,1	0,528	195/1494
	Vogal	10,6	0,447	302/2839
	Coronal [+ant]	9,2	0,429	256/2537
Total		11,1		880/7955

Input:0,083 Significância:0,000

Tabela 08: Elevação da vogal /o/ em posição átona final absoluta: contexto seguinte

No contexto seguinte, dois fatores se apresentaram como favorecedores para a aplicação da regra e elevação: consoantes posteriores (resultantes do amálgama de coronal [-ant] e dorsal) e labial, ficando este último fator próximo ao ponto neutro, com peso relativo de 0,528 e o primeiro com peso de 0,596, indo ao encontro da análise de Mileski (2013), que apresenta coronal [-ant] e dorsal como favorecedores da aplicação da regra.

### 5.3.3 Vogal alta na sílaba tônica

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Vogal alta na sílabla tônica	Com vogal alta (último)	15,9	0,625	553/3487
	Sem vogal alta (barco)	7,3	0,375	327/4468
Total		11,1		880/7955

Input:0,083 Significância:0,000

Tabela 09: Elevação da vogal /o/ em posição átona final absoluta : presença de vogal alta na sílaba tônica

Como no resultado da análise conjunta de /e/ e /o/, nos dados de /o/ a presença de vogal alta na sílaba tônica se mostrou favorecedora, o que nos remete novamente aos estudos de Vieira (1994, 2002), que observa essa relação entre elevação e vogal alta nas

comunidades de fronteira e de colonização italiana e alemã. Podemos referir aqui também o resultado de Mileski (2013) na sua análise de uma comunidade de descendentes de poloneses. Além disso, como já mencionamos, Vieira (2002) sugere a assimilação progressiva, com base nos estudos sobre harmonia vocálica de Bisol (1981), Vieira (2002), Schwindt (1995), entre outros.

### 5.3.4 Idade

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Idade	15 – 35 anos	13,3	0,557	353/2658
	36 – 57 anos	12,1	0,534	307/2527
	Mais de 58 anos	7,9	0,419	220/2770
Total		11,1		1022/11363
Input:0,083			Significância:0,000	

Tabela 10: Elevação da vogal /o/ em posição átona final absoluta: idade

Em relação à elevação e à idade para /o/, esperávamos obter resultado semelhante aos de Roveda (1998), Carniato (2000), e Mallmann (2001), que mostram a tendência dos jovens a assumir formas inovadoras, o que se confirmou.

### 5.3.5 Escolaridade

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Escolaridade	De 04 a 08 anos	12,1	0,526	368/3042
	Até 04 anos	11,9	0,525	311/2615
	Mais de 08 anos	8,7	0,449	201/2298
Total		11,1		880/7955
Input:0,089			Significância:0,000	

Tabela 11: Elevação da vogal /o/ em posição átona final absoluta: escolaridade

Para /o/, assim como na análise conjunta, esperávamos que os resultados fossem semelhantes aos de diversos estudos anteriores, como o de Silva (2009), em que

[...]informantes com ensino superior e ensino médio, com peso relativo de 0,71 e 0,66, respectivamente, mostram-se mais favoráveis ao processo de alçamento da postônica /o/. (SILVA, 2009, p. 133). Porém, novamente nos aproximamos do resultado de Mileski (2013), que aponta que os informantes com Ensino Fundamental são os que mais favorecem a aplicação da regra, os informantes que menos favorecem a elevação são os com Ensino Superior.

Cabe ressaltar que a divisão feita por Mileski (2013) e Silva (2009) foi de acordo com a divisão oficial de Ensino (Ensino Fundamental, Médio e Superior) no Brasil, enquanto nossa divisão foi por anos de escolaridade.

Desta forma, como Mileski (2013), temos os informantes com mais anos de estudo como os que não favorecem a elevação, e os das faixas de até 04 anos e de 04 a 08 anos, perto do ponto neutro.

#### **5.4 Análise de /e/**

Curiosamente, para /e/, o programa selecionou apenas três variáveis linguísticas como relevantes para a aplicação da regra de elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta. São elas:

- Contexto precedente
- Contexto seguinte
- Presença de vogal alta na sílaba tônica

### 5.4.1 Contexto precedente

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Contexto Precedente	Dorsal	31,8	0,976	21/66
	Coronal [-ant]	19,0	0,955	66/347
	S/Z	2,9	0,732	16/555
	Coronal [+ant]	1,6	0,639	37/2316
	Labial	1,6	0,639	2/122
	Vogal	0,0	<0,001	0/2
Total		4,2		142/3408
Input:0,01			Significância:0,000	

Tabela 12: Elevação da vogal /e/ em posição átona final absoluta: contexto precedente

Para contextos com /e/, exceto o fator vogal, que apresentou apenas dois dados e nenhuma realização de elevação, todos os outros fatores se mostraram relevantes para a realização da regra de elevação. Pela ordem dos pesos relativos, tivemos os fatores dorsal com 0,976, coronal [-ant] com 0,955, S/Z com 0,732, coronal [+ant] com 0,639 e labial com 0,639. Ressaltemos aqui o fator labial, que mesmo com peso relativo que indica favorecimento, apresentou apenas dois casos de elevação em um universo de 122 contextos.

Tais resultados guardam semelhança com os de Mileski (2013). Citemos aqui seu esclarecimento a respeito desta variável:

O resultado para essa variável confirma o papel favorecedor das consoantes dorsais, como salientado nos estudos de Schmitt (1987), Vieira (2010) e Machry da Silva (2009), embora tenhamos relativamente poucos dados na amostra. O papel favorecedor dos segmentos [s, z] e, mais modestamente, o das labiais, confirma também os resultados de Vieira (2002) e Machry da Silva (2009). Como se pôde verificar em análises precedentes, consoantes dorsais favorecem a elevação da vogal média anterior tanto em posição pretônica (BISOL, 1981; SCHWINDT, 1995; BATTISTI, 1993) quanto em posição postônica (SCHMITT, 1987; ROVEDA, 1998; MACHRY DA SILVA, 2009). (p. 111, 112).

### 5.4.2 Contexto seguinte

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Contexto Seguinte	Vogal	8,3	0,684	96/1153
	Consoantes posteriores	3,3	0,568	15/456
	Labial	4,2	0,567	22/522
	Coronal [+ant]	0,7	0,211	9/1277
Total		4,2		142/3408
Input:0,001			Significância:0,000	

Tabela 13: Elevação da vogal /e/ em posição átona final absoluta: contexto seguinte

No contexto seguinte, o fator vogal apresentou peso relativo de 0,684, sendo o mais forte condicionador, seguido pelo fator consoantes posteriores, com peso de 0,568, e pelo fator labial, com 0,567 de peso relativo. Já o fator coronal [+ant] aparece com peso relativo de 0,211, sendo, então, desfavorável à aplicação da regra de elevação.

Como o resultado de Silva (2009), o fator coronal [+ant] se mostra desfavorável à elevação, enquanto o fator vogal é o maior favorecedor. Silva (2009) explica esse favorecimento das vogais a partir de Schmitt (1987). Para a autora:

Os resultados alcançados neste estudo para essa variável estão em conformidade com os dados de Schmitt (1987) quanto à análise da variável Juntura. Nesse estudo, os contextos com Juntura Sândi em processos de ditongação e degeminação, por exemplo, mostraram-se mais propícios ao alçamento da postônica /e/. De acordo com a autora, as regras que transformam um segmento em glide, ou que elidem o segmento, também podem ser consideradas regras de redução silábica. Sua hipótese é a de que quando ocorrem essas alterações a regra de levantamento da postônica é aplicada. O comportamento verificado neste trabalho condiz com a hipótese de Schmitt (1987), pois percebe-se que, nos casos onde ocorre processos de sândi, a vogal média /e/ mostra-se mais suscetível ao alçamento. (p. 103, 104)

### 5.4.3 Vogal alta na sílaba tônica

Variável	Fator	%	Peso relativo	Aplicação/Total
Vogal alta na sílaba tônica	Com vogal alta	7,6	0,577	31/410
	Sem vogal alta	3,7	0,423	111/2998
Total		4,2		142/3408

Input:0,001 Significância:0,000

Tabela 14: Elevação da vogal /e/ em posição átona final absoluta: presença de vogal alta na sílaba tônica

Como para /o/, também para /e/ a presença de vogal alta na sílaba tônica favorece a elevação, apresentando um peso relativo de 0,577, contra o peso de 0,423 para contextos sem vogal alta.

## 5.5 Cruzamentos entre idade e escolaridade

Apresentamos abaixo os cruzamentos entre os fatores sociais escolhidos pelos programas de análise estatística como mais relevantes.

### 5.5.1 Cruzamento entre idade e escolaridade para /e/ e /o/

Escolaridade		Idade						Total	
		15-35 anos	%	36-57 anos	%	Mais de 58 anos	%		
Até 04 anos	Aplic.	160	13	157	13	44	3	361	10
	N. Aplic.	1089	87	1030	87	1240	97	3359	90
	Soma	1249		1187		1284		3720	
De 04 a 08 anos	Aplic.	110	10	190	9	126	10	426	10
	N. Aplic.	939	90	2067	91	1159	90	3975	90
	Soma	1049		1877		1285		4401	
Mais de 08 anos	Aplic.	88	7	59	10	88	7	235	7
	N. Aplic.	1229	93	549	90	1229	93	3007	93
	Soma	1317		608		1317		3242	
Total	Aplic.	358	10	406	11	258	7	1022	9
	N. Aplic.	3257	90	3456	89	3626	93	10341	91
	Soma	3615		3862		3886		11363	

Tabela 15: Cruzamento entre idade e escolaridade para /e/ e /o/

Como se vê na tabela 15, feito o cruzamento entre idade e escolaridade, as faixas etárias de escolaridade de até 04 anos e de 04 a 08 anos aplicam, em termos de porcentagem, mais que a faixa de escolaridade acima de 08 anos. Quando observadas cada faixa de escolaridade por cada faixa etária, vemos que nos informantes de 15 a 35 anos existe uma redução na porcentagem: quanto menos escolaridade, maior é a porcentagem. Na faixa de 36 a 57 anos, a porcentagem maior também fica com os informantes com menos tempo de escolaridade, porém há uma inversão entre as faixas de 04 a 08 anos e mais de 08 anos de escolaridade. Já na faixa etária de mais de 58 anos, a maior porcentagem de aplicação fica na faixa etária de 04 a 08 anos, seguido de mais de 08 anos e, por fim, de até 04 anos.

Esses resultados indicam uma mudança na comunidade em relação à escolaridade, que atualmente não tem o mesmo efeito no português falado por seus habitantes.

### 5.5.2 Cruzamento entre idade e escolaridade para /e/

Escolaridade		Idade						Total	
		15-35 anos	%	36-57 anos	%	Mais de 58 anos	%		
Até 04 anos	Aplic.	23	6	23	6	4	1	50	5
	N. Aplic.	353	94	336	94	366	99	1055	95
	Soma	376		359		370		1105	
De 04 a 08 anos	Aplic.	16	5	20	3	22	6	58	4
	N. Aplic.	314	95	645	97	342	94	1301	96
	Soma	330		665		364		1359	
Mais de 08 anos	Aplic.	12	3	10	6	12	3	34	4
	N. Aplic.	370	97	170	94	370	97	910	96
	Soma	382		180		382		944	
Total	Aplic.	51	5	53	5	38	4	142	4
	N. Aplic.	1037	95	1151	95	1078	96	3266	96
	Soma	1088		1204		1116		3408	

Tabela 16: Cruzamento entre idade e escolaridade para /e/

Analisando o cruzamento entre idade e escolaridade, notamos que na primeira faixa etária, mais jovem, são os informantes com menos anos de escolaridade que elevam mais. Na segunda faixa etária, a porcentagem maior fica dividida entre os informantes com até 04 anos de escolaridade e com os que possuem mais de 08 anos de escolaridade. Na terceira faixa etária, ou seja, a dos mais velhos, são os informantes que possuem de 04 a 08 anos de escolaridade os que apresentam a maior porcentagem de elevação.

Confirma-se, nos dados de /e/, o padrão verificado nos dados de /e/ e /o/ juntos: a escolaridade não tem hoje na comunidade o mesmo efeito sobre o português falado por seus habitantes, o de difusão de mudanças que afetam o português brasileiro como um todo. Fica o indício de que se desenvolve em Esquina Barra Funda, como possivelmente em outras comunidades gaúchas de perfil similar – poucos habitantes, atividades predominantemente rurais, alta densidade de comunicação –, um localismo, ou sentimento de pertença à comunidade que dá consistência a um padrão local e vem prevenindo o avanço de processos em andamento nos grandes centros urbanos.

### 5.5.3 Cruzamento entre idade e escolaridade para /o/

Escolaridade		Idade						Total	
		15-35 anos	%	36-57 anos	%	Mais de 58 anos	%		
Até 04 anos	Aplic.	137	16	134	16	40	4	311	12
	N. Aplic.	736	84	694	84	874	96	2304	88
	Soma	873		828		914		2615	
De 04 a 08 anos	Aplic.	94	13	170	12	104	11	368	12
	N. Aplic.	625	87	1232	88	817	89	2674	88
	Soma	719		1402		921		3042	
Mais de 08 anos	Aplic.	76	8	49	11	76	8	201	9
	N. Aplic.	859	92	379	89	859	92	2097	91
	Soma	935		428		935		2298	
Total	Aplic.	307	12	353	13	220	8	880	11
	N. Aplic.	2220	88	2305	87	2550	92	7075	89
	Soma	2527		2658		2770		7955	

Tabela 17: Cruzamento entre idade e escolaridade para /o/

Na tabela 17, com os resultados dos cruzamentos entre idade e escolaridade somente para /o/, podemos perceber na primeira faixa etária (jovens) são, novamente, os informantes com menos escolaridade que elevam mais e os com mais escolaridade os que elevam menos; na segunda faixa etária, os resultados são similares, com os informantes de menos escolaridade com maior porcentagem de elevação; já na terceira faixa (mais idosos), são os indivíduos com escolaridade entre 04 e 08 anos que apresentam a maior porcentagem de elevação.

O padrão verificado no cruzamento entre idade e escolaridade nos dados de /o/ reforça o observado no conjunto dos dados e nos dados de /e/, apenas. Isso sugere uma possível mudança na comunidade ao longo dos anos, motivadora de diferentes orientações à escola e às atividades locais como um todo.

## 6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve por objetivo descrever e analisar a regra de elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta no português falado na comunidade de Esquina Barra Funda, pertencente ao município de Novo Machado - RS, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação (LABOV, 1972) e utilizando os programas de análise estatística GoldVarbX e Rbrul.

Como pensávamos inicialmente, a proporção de aplicação da regra de elevação foi baixa, ficando em 11,1% para a vogal /o/ e 4,2% para /e/. Na análise combinada, o índice atingiu 9%. No entanto, confirmamos aqui a hipótese de que a vogal /o/ tende mais à elevação do que a vogal /e/.

Em relação a /o/, a análise apontou três variáveis linguísticas e duas extralinguísticas como influentes no processo, a saber: contexto precedente, contexto seguinte, vogal alta na sílaba tônica, idade e escolaridade. No contexto precedente, os fatores favorecedores à elevação foram, pela ordem de peso relativo, labial, dorsal e coronal. Na variável contexto seguinte, os fatores favorecedores foram consoantes posteriores (resultado do amálgama entre coronal [-ant] e dorsal) e labial. A variável vogal alta na sílaba tônica indicou que sua presença favorece a aplicação da regra. A variável extralinguística idade mostrou que os jovens aplicam a regra conforme a faixa etária intermediária, indício de estabilização do processo no sistema da comunidade. A variável escolaridade nos surpreendeu, pois esperávamos que os informantes com mais de 08 anos de escolaridade favorecessem a aplicação da regra; porém, foram os indivíduos que têm entre 04 e 08 e com até 04 anos de estudo que apresentaram maior peso relativo, ainda assim ficando em torno do ponto neutro.

Em relação a /e/, cabe ressaltar que foram obtidos 3408 dados em um universo de 11373 e os programas de análise selecionaram apenas variáveis linguísticas como relevantes à aplicação da regra. São elas: contexto precedente, contexto seguinte e vogal alta na sílaba tônica. Na variável contexto precedente, com exceção do fator vogal (que apresentou apenas dois contextos sem nenhuma aplicação de elevação), todos os outros fatores foram selecionados. Pela ordem dos pesos relativos, temos dorsal, coronal [-ant], S/Z e labial. Coronal [+ant] apresentou a maior quantidade de contextos (2316), porém o

índice de elevação ficou em 1,6%, com apenas 37 contextos. O mesmo índice foi apresentado pelo fator labial, que favoreceu a elevação em apenas 2 contextos dos 122 encontrados. Na variável contexto seguinte, os fatores favorecedores foram vogal, consoantes posteriores e labial. Por último, no variável vogal alta na sílaba tônica, novamente a presença da vogal alta se mostrou favorecedora da aplicação da regra de elevação.

A elevação de /e/, quando levado em consideração o cruzamento idade x escolaridade, foi favorecida pelos mais jovens e pela faixa de meia idade quando considerada a escolaridade de até 04 anos; pelos mais velhos quando cruzada com a escolaridade de 04 a 08 anos de estudo e pelos mais jovens e os mais velhos quando considerado o cruzamento com os informantes que possuem mais de 08 anos de estudo.

A elevação de /o/, quando levado em consideração o cruzamento idade x escolaridade, foi favorecida pelos mais jovens e pela faixa de meia idade, quando considerada a escolaridade de até 04 anos; pelos mais jovens, quando cruzada com a escolaridade de 04 a 08 anos de estudo e pelos mais jovens e os mais velhos, quando considerado o cruzamento com os informantes que possuem mais de 08 anos de estudo.

O favorecimento da elevação, na análise combinada para /e/ e /o/, quando levado em consideração o cruzamento idade x escolaridade, ficou por conta dos mais jovens e pela faixa de meia idade, quando considerada a escolaridade de até 04 anos; pelos mais velhos, quando cruzada com a escolaridade de 04 a 08 anos de estudo e pelos mais jovens e os mais velhos, quando considerado o cruzamento com os informantes que possuem mais de 08 anos de estudo.

Sobre as hipóteses que orientaram este trabalho, confirmamos que /e/ e /o/ apresentam comportamentos diferentes em relação à realização da elevação vocálica; porém, vale mencionar que ambas as vogais tiveram as mesmas variáveis linguísticas selecionadas como relevantes, tendo a vogal /o/ também idade e escolaridade como condicionadores sociais.

Outra hipótese comprovada foi a de que a presença de uma vogal alta na sílaba tônica favorece a elevação.

Por apresentar resultados similares a trabalhos como o de Silva (2009), Mileski (2013), Mallmann (2001) e Vieira (2002), podemos afirmar que a localização e o contato

entre as línguas alemã, italiana e espanhola influenciem a conservação das vogais médias. Além, é claro, de comprovar que a comunidade apresenta baixo índice de elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta.

O curto espaço de tempo entre a coleta de dados e a defesa da dissertação, assim como a grande distância entre a comunidade estudada e Porto Alegre são fatores que interferem e limitam, em partes, a realização ideal de uma pesquisa como a que fizemos. Sabemos que uma maior inserção na comunidade, com mais tempo para a coleta de dados, poderia contribuir para uma melhor observação da vivência naquela sociedade. Apesar disto, cremos que a convivência e o conhecimento anterior do local de pesquisa, tenham sido ponto positivo na busca por uma observação sistemática e que os informantes, devido ao contato de muitos anos, tenham atingido um bom nível de naturalidade na sua produção oral.

Maior tempo também proporcionaria a ampliação da amostra, com maior banco de dados, o que seria importante para a confirmação de resultados ou novas descobertas, além de uma maior exploração dos dados.

Por ser uma comunidade que ainda não havia sido alvo de pesquisa linguística e não ter havido, até o momento, nenhuma coleta de dados naquele local, acreditamos que essa pesquisa esteja contribuindo para os estudos sobre o vocalismo átono em variedades de português brasileiro. Esperamos poder expandir este estudo em trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATTISTI, Elisa. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha.** 1993. 126f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BISOL, Leda. **Harmonização vocálica: uma regra variável.** 1981. 332f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BLAKE, Renée; JOSEY, Meredith. **The /ay/ diphthong in Martha's Vineyard community: what can we say 40 years after Labov?** *Language in Society*, n. 32, v.4, p. 451- 485, 2003.
- BRESCANCINI, Cláudia. **A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S.** IN: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p 13- 77.
- BUSSE, Valdino. **A práxis pastoral entre os imigrantes alemães e seus descendentes na região Noroeste do Rio Grande do Sul.** 2009. 69f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Curso de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- \_\_\_\_\_. **História da linguística.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006 [1975].
- \_\_\_\_\_. **Estrutura da língua portuguesa.** 40. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 [1970].
- CARNIATO, Miriam Cristina. **A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar.** 2000. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Mestrado em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo: Parábola, 2005.
- GUY, Gregory Riordan. **A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística.** In: *Organon: Estudo da Língua falada.* v. 14 n.ºs 28 e 29. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2000.
- GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise.** São Paulo: Parábola, 2007

IBGE. Cidades. Novo Machado. Disponível em:

<<http://cod.ibge.gov.br/28PT>>. Acesso em: 17 dez 2014.

JOHNSON, Daniel Ezra. **Getting off the GoldVarb Standard: Introducing Rbrul for MixedEffects Variable Rule Analysis**. *Language and Linguistics Compass*, v. 3, n. 1. p. 359–383, jan. 2009.

\_\_\_\_\_. **Rbrul Manual**. Disponível em:

<[http://www.danielezrajohnson.com/Rbrul\\_manual.html](http://www.danielezrajohnson.com/Rbrul_manual.html)>. Acesso em: 06 jan. 2015.

KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo (orgs). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: cartas fonéticas e morfossintáticas**. – 2 ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. OxfordUK/CambridgeUSA, Blackwell Publishers. 1994. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPEZ, Barbara Strodt. **The sound pattern of brazilian portuguese (cariocandialect)**. 1979. 265 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade da Califórnia, Los Angeles.

MALLMANN, Dalcio Otelon. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado em Santo Ângelo (RS)**. 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MILESKI, Ivanete. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata-RS**. *Letrônica*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 47-70, out. 2013. ISSN 1984-4301. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/ojs/index.php/letronica/article/view/13399>>.

Acesso em: 07 Jan. 2015.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In: \_\_\_\_\_; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-14.

\_\_\_\_\_ - **Relevância das variáveis não linguísticas.** In: \_\_\_\_\_ ; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.* 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010[a]. p. 27-31.

NARO, Anthony J. **Estudos diacrônicos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_ - **O dinamismo das línguas.** In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.* 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 43-50.

ROVEDA, Suzana Damiani. **Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano.** 1998. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de PósGraduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANKOFF, David; LABERGE, Suzanne. **The linguistic market and the statistical explanation of variability.** In: SANKOFF, David (Ed.). *Linguistic variation: models and methods.* New York, San Francisco, London: Academic Press, 1978, p. 239-250.

SAUSSURE, Ferdinand de; BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert; RIEDLINGER, Albert. **Curso de lingüística geral.** 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCHMITT, Cristina Job. **Redução vocálica postônica e estrutura prosódica.** 1987. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHWINDT, Luis Carlos da Silva. **A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista.** 1995. 78f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCHWINDT, Luis Carlos da Silva; BATTISTI, Elisa; OTHERO, Gabriel de Ávila. *Manual de linguística: fonologia, morfologia e sintaxe.* Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. **Coleta de dados.** In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 117-133.

SILVA, Susiele Machry da. **Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS.** 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em

Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. **Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. **Neutralização das vogais médias postônicas**. 1994. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. **Aspectos do sistema vocálico do português**. 1997. 181f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. **As vogais médias postônicas: uma análise variacionista**. IN: BISOL, Leda e BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p 127- 159.

\_\_\_\_\_. **As vogais médias átonas no sul do Brasil**. In: MARÇALO Maria João et al. (Ed.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg5/01.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

VOTRE, Sebastião José. **Relevância da variável escolaridade**. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

## ANEXOS

### ANEXO A

#### Ficha Social

Nome:	
Endereço:	
Idade:	Sexo:
Local de Nascimento:	
Outras localidades onde residiu e por quanto tempo:	
Grau de instrução:	
Profissão:	
Ocupação:	
Bilinguismo: Qual? ( )Ativo ( )Passivo ( )Zero	
Local de nascimento dos pais:	
Pai:	
Mãe:	
Estado Civil:	
Número de filhos:	
Idade:	Sexo:
Anos de estudo	
Atividades Sociais/Lazer	
Assuntos de maior interesse:	

Entrevistador: \_\_\_\_\_

Data da entrevista: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Duração da entrevista: \_\_\_\_\_

Observações gerais:

## ANEXO B

### Roteiro para pesquisa de campo

#### Entrevista Sociolinguística

1. Como é a vida aqui na comunidade?
2. Quais são suas atividades diárias?
3. Voltando alguns anos atrás, na sua infância, como era a comunidade?
4. Que brincadeiras você costumava fazer com seus amigos?
5. Quais eram as atividades dos seus pais?
6. Quando você era pequeno(a), nos seus primeiros anos escolares, você lembra de alguma coisa que tenha sido importante? Que atividades eram feitas?
7. Como era a vida na comunidade quando as pessoas não tinham acesso aos meios de comunicação, como a televisão, por exemplo? O que era diferente com relação à hoje? O que as pessoas faziam nos momentos de folga?
8. Gostaria de saber um pouco mais de você, as coisas que você gosta de fazer no final de semana, as atividades da comunidade que você costuma participar: eventos, festas, entre outros.
9. Que tipos de atividades de lazer você costuma fazer ou gostaria de fazer?
10. Tem algum momento de sua vida que você consideraria o mais difícil?
11. De que coisas do tempo de sua infância você tem mais saudades?
12. Olhando para trás, existe algo que você gostaria de ter feito, mas que por algum motivo não foi possível, como por exemplo, ter estudado mais, ter feito alguma viagem, ter feito algum trabalho?
13. Aqui na comunidade, quais as coisas que você mais admira? E o que você acha que poderia ser diferente?
14. Se você recebesse uma proposta de trabalho na cidade, você deixaria a comunidade?
15. Se você recebesse um bom dinheiro para ser utilizado em algo para a comunidade, em que você investiria?

## ANEXO C

Codificação das variáveis

<b>Variável dependente: Elevação das vogais médias átonas finais absolutas (time – tim/i/) (bolo – bol/u/)</b>	
eleva	1
conserva	0

<b>Contexto Precedente</b>	
Vogal	w
Coronal [-ant]	h
Dorsal	g
[s], [z]	ç
Labial	v
Coronal [+ant]	n
[r]	p

<b>Contexto Seguinte</b>	
Vogal	a
Coronal [-ant]	j
Dorsal	d
Labial	f
Coronal [+ant] r	r

<b>Posição do acento</b>	
Antepenúltima sílaba	k
Penúltima sílaba	z

<b>Contexto da sílaba tônica</b>	
Com vogal alta na tônica	t
Sem vogal alta na tônica	l

<b>Sexo</b>	
Masculino	y
Feminino	x

<b>Idade</b>	
15 a 35 anos	2
36 a 57 anos	3
Mais de 58 anos	4

<b>Escolaridade</b>	
Até 04 anos	@
De 04 a 08 anos	#
Mais de 08 anos	\$

<b>Qualidade da vogal</b>	
Vogal /o/	o
Vogal /e/	e

<b>Informante</b>	
Informante 1	A
Informante 2	B
Informante 3	C
Informante 4	D
Informante 5	E
Informante 6	F
Informante 7	G
Informante 8	H
Informante 9	I
Informante 10	J

Informante 11	L
Informante 12	M
Informante 13	N
Informante 14	O
Informante 15	P
Informante 16	Q
Informante 17	R
Informante 18	S

## ANEXO D

Análise de aplicação x não-aplicação para todas as variáveis no GoldVarb

• GROUPS & FACTORS • 02/02/2015 12:24:50 .....

```

-----
Group  Default  Factors
1      1      10
2      n      ngsvhwp
3      d      darfj
4      z      zk
5      l      lt
6      x      xy
7      2      243
8      @      @#$
9      e      eo
10     A      ABCDEFGHIJKLMNOPQR

```

• CELL CREATION • 02/02/2015 12:25:43 .....

Name of token file: Novo Machado.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(8)

(9)

(10)

)

Number of cells: 1627

Application value(s): 1

Total no. of factors: 44

Group	Non-Apps	apps	Total	%
-----				
1 (2)				
n	N	431	5354	5785 50.9
%		7.5	92.5	
g	N	135	573	708 6.2
%		19.1	80.9	

s	N	71	1199	1270	11.2
	%	5.6	94.4		

v	N	119	1039	1158	10.2
	%	10.3	89.7		

h	N	191	958	1149	10.1
	%	16.6	83.4		

w	N	13	276	289	2.5
	%	4.5	95.5		

p	N	62	942	1004	8.8
	%	6.2	93.8		

Total	N	1022	10341	11363	
	%	9.0	91.0		

-----  
2 (3)

d	N	120	948	1068	9.4
	%	11.2	88.8		

a	N	398	3594	3992	35.1
	%	10.0	90.0		

r	N	265	3805	4070	35.8
	%	6.5	93.5		

f	N	217	1799	2016	17.7
	%	10.8	89.2		

j	N	22	195	217	1.9
	%	10.1	89.9		

Total	N	1022	10341	11363	
	%	9.0	91.0		

-----  
3 (4)

z	N	1011	10180	11191	98.5
	%	9.0	91.0		

k	N	11	161	172	1.5
	%	6.4	93.6		

Total	N	1022	10341	11363	
	%	9.0	91.0		

-----

4 (5)

l	N	438	7028	7466	65.7
	%	5.9	94.1		

t	N	584	3313	3897	34.3
	%	15.0	85.0		

Total N	1022	10341	11363		
	%	9.0	91.0		

---

5 (6)

x	N	448	4550	4998	44.0
	%	9.0	91.0		

y	N	574	5791	6365	56.0
	%	9.0	91.0		

Total N	1022	10341	11363		
	%	9.0	91.0		

---

6 (7)

2	N	358	3257	3615	31.8
	%	9.9	90.1		

4	N	258	3628	3886	34.2
	%	6.6	93.4		

3	N	406	3456	3862	34.0
	%	10.5	89.5		

Total N	1022	10341	11363		
	%	9.0	91.0		

---

7 (8)

@	N	361	3359	3720	32.7
	%	9.7	90.3		

#	N	426	3975	4401	38.7
	%	9.7	90.3		

\$	N	235	3007	3242	28.5
	%	7.2	92.8		

Total N	1022	10341	11363		
	%	9.0	91.0		

---

8 (9)

e N	142	3266	3408	30.0
%	4.2	95.8		

o N	880	7075	7955	70.0
%	11.1	88.9		

Total N	1022	10341	11363	
%	9.0	91.0		

-----  
9 (10)

A N	94	480	574	5.1
%	16.4	83.6		

B N	49	397	446	3.9
%	11.0	89.0		

C N	22	620	642	5.6
%	3.4	96.6		

D N	62	577	639	5.6
%	9.7	90.3		

E N	59	549	608	5.4
%	9.7	90.3		

F N	66	609	675	5.9
%	9.8	90.2		

G N	61	542	603	5.3
%	10.1	89.9		

H N	22	620	642	5.6
%	3.4	96.6		

I N	66	609	675	5.9
%	9.8	90.2		

J N	98	481	579	5.1
%	16.9	83.1		

K N	66	609	675	5.9
%	9.8	90.2		

L N	62	691	753	6.6
%	8.2	91.8		

M N	59	549	608	5.4
-----	----	-----	-----	-----

	%	9.7	90.3		
N	N	22	620	642	5.6
	%	3.4	96.6		
O	N	67	610	677	6.0
	%	9.9	90.1		
P	N	59	549	608	5.4
	%	9.7	90.3		
Q	N	22	620	642	5.6
	%	3.4	96.6		
R	N	66	609	675	5.9
	%	9.8	90.2		
Total	N	1022	10341	11363	
	%	9.0	91.0		
-----					
TOTAL	N	1022	10341	11363	
	%	9.0	91.0		

Name of new cell file: .cel

## ANEXO E

Análise de um nível no Rbrul

ONE-LEVEL ANALYSIS OF RESPONSE elevacao WITH PREDICTOR(S): vogalalta (2.41e-37) + precedente (6.48e-29) + qualidade (1.93e-11) + seguinte (4.69e-08) + idade (4.76e-08) + escolaridade (0.0027) + acento (0.0357) + sexo (0.822)

## \$precedente

factor	logodds	tokens	1/1+0	centered	factor	weight
g	0.662	708	0.191			0.66
h	0.625	1149	0.166			0.651
v	0.384	1158	0.103			0.595
n	-0.176	5785	0.075			0.456
p	-0.339	1004	0.062			0.416
s	-0.505	1270	0.056			0.376
w	-0.652	289	0.045			0.343

## \$seguinte

Fator	logodds	tokens	1/1+0	centered	factor	weight
j	0.242	217	0.101			0.56
d	0.215	1068	0.112			0.554
f	0.057	2016	0.108			0.514
a	-0.097	3992	0.100			0.476
r	-0.417	4070	0.065			0.397

## \$accento

factor	logodds	tokens	1/1+0	centered	factor	weight
z	0.319	11191	0.090			0.579
k	-0.319	172	0.064			0.421

## \$vogalalta

factor	logodds	tokens	1/1+0	centered	factor	weight
t	0.471	3897	0.150			0.616
l	-0.471	7466	0.059			0.384

## \$sexo

factor	logodds	tokens	1/1+0	centered	factor	weight
x	0.008	4998	0.09			0.502
y	-0.008	6365	0.09			0.498

## \$idade

factor	logodds	tokens	1/1+0	centered	factor	weight
3	0.159	3862	0.105			0.54
2	0.133	3615	0.099			0.533
4	-0.292	3886	0.066			0.427

## \$escolaridade

factor	logodds	tokens	1/1+0	centered	fator	weight
#	0.096	4401	0.097			0.524
@	0.088	3720	0.097			0.522
\$	-0.184	3242	0.072			0.454

## \$qualidade

factor	logodds	tokens	1/1+0	centered	factor	weight
o	0.319	7955	0.111			0.579
e	-0.319	3408	.042			0.421

## \$misc

deviance	AIC	df	intercept	grand mean	centered	input	prob	R2.fixed
6298.009	6336.009	19		-2.68	0.09	0.064		0.17

**ANEXO F**

Fotos de Novo Machado, Esquina Barra Funda e Colônia Aurora (AR). Acervo do autor.



Limite entre os municípios de Tucunduva e Novo Machado



Início da parte mais habitada (chamada por todos de Esquina) da comunidade



Posto de Saúde de Esquina Barra Funda



IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil



Comunidade Nossa Senhora do Rosário (Igreja Católica)



Salão de festas e cancha de bocha da comunidade Nossa Senhora do Rosário



IECLB -Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil



Salão da IIECLB preparado para a Kerbfest



Propaganda da Kerbofest de 2014



Escola Estadual de Ensino Fundamental Gonçalves Dias



Rio Uruguai - Visão de Novo Machado para a comunidade de Colônia Aurora



Cruzamento entre a Rua Silvério Block e a Av. San Martín (avenida principal de Colônia Aurora)



Visão da parte mais habitada de Esquina Barra Funda em sentido Sul



Casas na parte central de Esquina Barra Funda



Jardins e açude da mesma propriedade